



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz
Curso de Especialização em Ensino em Biociências e Saúde

Desmitificando a praga dos piolhos! – Percepções e orientações aos normalistas sobre as formas de contágio, prevenção e combate ao *Pediculus humanus capitis*.

Sheila da Mota dos Santos

Orientador

Dr. Júlio Vianna Barbosa

Rio de Janeiro
2015

Sheila da Mota dos Santos

Desmitificando a praga dos piolhos! – Percepções e orientações aos normalistas sobre as formas de contágio, prevenção e combate ao *Pediculus humanus capitis*.

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Ensino em Biociências e Saúde, Curso de Especialização em Ensino em Biociências e Saúde, pelo Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

Colégio Estadual Alexander Graham Bell
LEAS – Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde / IOC/ FIOCRUZ

Data: 15/12/ 2015


Assinatura do Aluno


Assinatura do Orientador

RESUMO

Dentre as várias doenças ectoparasitárias predominantes na fase infantil, destaca-se a pediculose, que ao longo dos séculos ainda se constitui como um grande desafio para a saúde pública. Ocasionalmente pelo parasito *Pediculus humanus capitis*, que tem por alvo as crianças em fase escolar e, embora não seja abordado nos livros didáticos, não deveria ser desconsiderado, haja vista que envolve vários aspectos danosos ao parasitado (de ordem física, psicológica e social). Por isto, a presente pesquisa objetivou desmitificar as crenças e dúvidas em torno desta doença, por meio do diagnóstico dos prévios saberes de 72 formandos do Ensino Médio na modalidade Curso Normal (antiga denominação da formação de professores) no segundo distrito do município de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Este estudo foi realizado no segundo semestre do ano de 2014, no intuito de orientar os discentes sobre as formas de contágio, prevenção e combate ao piolho; além de despertá-los para uma reflexão em relação a sua futura prática docente, estimulando-os ao exercício de um repensar sobre o como fazer em sala de aula. Esta pesquisa apresentou-se como um estudo descritivo, exploratório e transversal, por meio de uma pesquisa aplicada, em busca de uma abordagem qualitativa. Optou-se como estratégia didática a elaboração e execução de uma aula-oficina, intitulada “Oficina Pediculose, desmitificando a praga dos piolhos!”. Utilizou-se como recurso didático o “lúdico”, com a aplicação de três formulários (Q1, Q2 e Q3), a aplicação de dois jogos educativos - “RPG Pediculose (baseado no *Role Playing Game*) e Jogo de Cartas Mitos *versus* Verdades sobre o Piolho” e palestras. Foram evidenciados alguns costumeiros mitos e dúvidas sobre o piolho, por exemplo; “o piolho voa, pula e/ou salta”, “o piolho gosta de cabelo sujo”, “o piolho gosta de sangue doce”, dentre outros. Mas, dois aspectos serviram como um alerta: a negação por parte destes alunos em afirmar que a pediculose não é uma doença (63/72; 87,50%) e alguns acreditam ainda que, o piolho faz parte do desenvolvimento infantil (9/72; 12,50%); caso contrário, não seria criança. Outra mitificação encontrada foi à associação da presença deste parasito, devido à ausência da higiene pessoal (21,74%). Denotando um possível olhar preconceituoso, e ainda estimulando o “bullying” e a segregação entre as pessoas. Portanto, a abordagem desta temática na educação básica é de extrema urgência, por estar vinculada à realidade da comunidade escolar, e deveria ser considerado como sério problema de saúde, pois prejudica os escolares em sua integralidade, em seus aspectos cognitivos, emotivos e

comportamentais. Portanto, a busca por sua erradicação deveria ser compreendida como necessária a um desenvolvimento infantil saudável.

Palavras-chave: curso Normal, pediculose, saúde escolar e coletiva.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
Objetivo geral	15
Objetivos específicos..	15
Quando foi criada a primeira Escola Normal no Brasil	15
Por que abordar a temática Pediculose no Curso Normal?.....	18
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA	20
1.1 Local de pesquisa	21
1.2 Critérios de inclusão e exclusão na pesquisa	22
1.3 Procedimentos metodológicos	22
1.3.1 Conhecendo os saberes prévios dos normalistas sobre o piolho.....	24
1.3.2 Aplicação do Jogo RPG Pediculose.....	25
1.3.3 Realização do Jogo de Cartas Mitos versus Verdades sobre o piolho e aplicação do formulário Q2	27
1.3.4 Realização da palestra e aplicação do formulário Q3	28
CAPÍTULO 2 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
2.1 Escolha do Tipo de análise de conteúdo.....	29
2.2 Resultados e discussão dos dados obtidos no formulário Q1.....	30
2.3 Resultados e discussão dos dados obtidos no Jogo RPG Pediculose.....	38
2.4 Resultados e discussão dos Resultados obtidos no Jogo de Cartas Mitos versus Verdades sobre o piolho.....	41
2.5 Resultados e discussão dos dados obtidos no formulário Q2	41
2.6 Resultados e discussão dos dados obtidos na pós Oficina Pediculose	46
CAPÍTULO 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ÍNDICE DE QUADROS	
Quadro 1 - Breve resumo sobre a história da criação da Escola normal no Brasil	18
Quadro 2 – Quando Respostas obtidas na pergunta 04 do formulário Q1 - Quando criança você já foi acometido de piolho?	31

Quadro 3 - Respostas obtidas na pergunta 05 do formulário Q1 - Qual das maneiras abaixo, você acha que se pega piolho?.....	33
Quadro 4 - Categorias encontradas na pergunta 06 do formulário Q1 - Você acha que ter piolho é estar doente? () Sim () Não. Por quê?	35
Quadro 5 - Categorias encontradas na pergunta 10 do formulário Q1 - Como você trabalharia este assunto nas classes iniciais do ensino fundamental?	37
Quadro 6 - Respostas no Jogo RPG Pediculose. Investigações dos saberes prévios de 72 normalistas sobre a doença Pediculose	39
Quadro 7 - Categorias encontradas na pergunta 01 do formulário Q2 – Você gostou de participar dos jogos educativos? () Sim () Não. Por quê?	41
Quadro 8 - Respostas obtidas na pergunta 02 do formulário Q2 - Qual dos jogos educativos você curtiu? () RPG () Cartas () Nenhum deles Por quê?	43
Quadro 9 - Respostas obtidas na pergunta 03 do formulário Q2 - Você acha importante adotar os jogos educativos como estratégia didática nas classes iniciais do ensino fundamental?	44
Quadro 10 - Respostas obtidas na pergunta 04 do formulário Q2 - Você pretende aplicar um destes jogos em sua futura classe? () Sim () Não . Qual e por quê?.....	45
Quadro 11 - Respostas obtidas na pergunta 05 do formulário Q2 - Você teria mais alguma outra sugestão de jogo educativo, ou outra estratégia didática? () Sim () Não.Qual?.....	45
Quadro 12 - Respostas obtidas na questão 01 do formulário Q3 - Classifique as afirmativas abaixo, identificando-as como: MITO (M) ou VERDADE (V).....	47
Quadro 13 - Respostas obtidas na questão 02 do formulário Q3 - Correlacione à coluna A (nome científico) com a B (significado /nome vulgar):	53
Quadro 14 - Categorias obtidas das respostas da questão 3 do formulário Q3 - Defina com suas palavras o que é <i>Pediculus humanus capitis</i> ?	55
Quadro 15 - Respostas obtidas da questão 4 do formulário Q3 - Cite pelo menos duas maneiras eficientes ao combate do piolho?.....	57
Quadro 16 - Respostas obtidas da questão 5 do formulário Q3 - Descreva com suas palavras qual (is) benefício(s) você alcançou com esta pesquisa?	58
Quadro 17 - Respostas obtidas da questão 6 do formulário Q3 - Cite pelo menos uma maneira com que pretende aplicar em sua futura classe?	60

APÊNDICES

APÊNDICE 1- Formulário Q1- Conhecendo as percepções dos alunos-professores sobre o piolho.....	68
APÊNDICE 2- Formulário Q2 - Avaliação dos jogos educativos	69
APÊNDICE 3- Formulário Q3 - Avaliação da aprendizagem pós aula-oficina	70
APÊNDICE 4- Jogo RPG Pediculose	71
APÊNDICE 5- Jogo Cartas Mitos versus Verdades sobre o piolho	73
APÊNDICE 6- Fotos da Oficina Pediculose	74

ANEXOS

ANEXO 1- Autorização do Comitê de Ética e Pesquisa FIOCRUZ/RJ	77
ANEXO 2- Autorização para a pesquisa SEEDUC/RJ.....	78
ANEXO 3- Autorização do Colégio Estadual Alexander Graham Bell	79
ANEXO 4- Termo de Consentimento Livre Esclarecido	80
ANEXO 5- Termo de Autorização de Cessão de Imagens.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1) OMS Organização Mundial de Saúde
- 2) SEEDUC-RJ Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro
- 3) *P. h. capitis* *Pediculus humanus capitis*, piolho do couro cabeludo (“piolho”)
- 4) *P. h. corporis* *Pediculus humanus corporis*, piolho do corpo (“muquirana”)
- 5) *P. pubis* *Phthirus pubis*, piolho dos pelos pubianos (“chato”)
- 6) PCN Parâmetros Curriculares Nacionais
- 7) LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- 8) RPG Role Playing Game
- 9) TECLE Termo de Consentimento Livre Esclarecido

INTRODUÇÃO

A pediculose é uma moléstia milenar e ao longo dos anos se mantém atual e vivaz, embora se vivencie em pleno século XXI um mundo altamente globalizado, cheio de recursos e aparatos de última geração, disponíveis ao combate de várias patologias. Entretanto, este tipo de ectoparasitose continua sendo um grande protagonista na evolução humana, mantendo-se popular, e sendo facilmente reconhecida por qualquer gênero, classe social, raça e etnia, já que não faz acepção de pessoas e, ao encontrar um *habitat* favorável multiplica-se rapidamente, ocasionando danos ao parasitado.

Existem três espécies que parasitam o homem, *Pediculus humanus corporis* (“piolho-do-corpo”, vulgarmente conhecido como muquirana); *Pediculus humanus capitis* (“piolho do couro cabeludo”, vulgarmente conhecido como piolho) e *Phthirus pubis* (“piolho dos pelos pubianos”, vulgarmente conhecido como chato).

A presente pesquisa tem como foco o estudo das percepções dos normalistas sobre a espécie *Pediculus humanus capitis* (origem latim; “*Pediculus*” = piolho/ “*humanus*” = humano / “*capitis*” = couro cabeludo), tendo por proposta desmitificar mitos e dúvidas dos discentes do Curso Normal (antiga formação de professores) sobre o piolho. Por meio do diagnóstico dos saberes prévios e através da aula-oficina intitulada “Oficina Pediculose: desmitificando a praga dos piolhos!”, para orientá-los sobre as formas de contágio, prevenção e combate ao parasito *Pediculus* em prol da promoção da saúde escolar e, conseqüentemente, da saúde coletiva.

Segundo relatos bíblicos, no livro de Êxodo cap. 8: vs.16-19, a introdução da pediculose na humanidade ocorreu cerca de 1.300 a.C, os primeiros registros de sua existência supõem-se oriundos a partir da impreciação da terceira praga predita por intermédio de Moisés, um hebreu escolhido por Deus para libertar toda sua nação do jugo do governo do Faraó. Em resposta às orações desse povo que clamava por socorro, a praga dos piolhos serviu como um sinal aos egípcios sobre o poderio do Deus dos hebreus, para que permitissem a libertação dos escravos do Egito e de seus termos.

Egito, 1300 a.C.

16 Disse o SENHOR a Moisés: Dize a Arão: Estenda a tua vara e fere o pó da terra, para que se torne em piolho por toda a terra do Egito.

17 Fizeram assim: Arão estendeu a mão com a sua vara e feriu o pó da terra, e houve muitos piolhos nos homens e no gado; todo o pó da terra se tornou em piolhos por toda a terra do Egito.

18 E fizeram os magos o mesmo com suas ciências ocultas para produzirem piolhos, porém não o puderam; e havia piolhos nos homens e no gado.

19 Então, disseram os magos ao Faraó: Isto é o dedo de Deus. Porém, o coração do Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o SENHOR tinha dito” (BARBOSA E PINTO, 2003).

Embora para algumas pessoas pareça ser apenas um conto, o fato é que indícios comprovaram a história narrada, pois estudos realizados por Reinhard e Buikstra (2003) apontaram a existência de *Pediculus humanus* infestando múmias do Peru. E no Brasil, segundo Araújo *et al.* (2000), também foram encontrados ovos de *Pediculus humanus capitis* em múmias no Piauí que datam 10.000 anos; evidenciando-se, portanto, a possibilidade da veracidade bíblica. E outros achados por Raoult *et al.* (2008), por meio dos estudos da Protein Chain Reaction (PCR) efetuados em múmias da América Latina, afirma que ao longo dos anos diversos filotipos de *P.h.capitis*¹ têm parasitado o homem.

Embora, a pediculose do couro cabeludo não seja letal, foi durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que a pediculose do corpo favoreceu a matança de cerca de 10 a 20 mil soldados. Isto ocorreu porque o piolho do corpo estava infectado pela bactéria *Rickettsia prowaski*, e no ato da hematofagia no hospedeiro por meio da eliminação das fezes serviu como porta de entrada para esta bactéria, possibilitando o desenvolvimento de outras enfermidades, como por exemplo:

“o tifo exantemático cujo agente etiológico é um microorganismo do gênero *Rickettsia*, descrito por Rocha Lima (que sofreu também desta enfermidade), como a *Rickettsia provazekii* em homenagem a Ricketts e a Von Prowazek, dois eminentes cientistas que morreram de tifo quando faziam investigações sobre o mesmo, e ainda é febre das trincheiras (Febre dos cinco dias é outra rickettsiose), cujo agente etiológico é a *Rochalimae Quintana* (*Rickettsia quintana*), e na Segunda Guerra Mundial 1920 -1930 reapareceu em pequenos surtos tornando-se epidêmica” (FALCÃO 1966, *apud* BARBOSA E PINTO, 2003, p.582-583).

O piolho da cabeça infesta exclusivamente a espécie *Homo sapiens* (CANYON *et al.*, 2002). Principalmente as crianças em fase escolar e, atualmente apresentando-se como um grande desafio à Saúde Pública. É classificado em:

Artrópode da classe *insecta*, ordem *Phthiraptera* e subordem *Anoplura*, possui o corpo dividido em cabeça, tórax e abdome, três pares de patas presas ao abdome, não possuem asas, são ápteros, com desenvolvimento hemimetabólico, passando pelas seguintes fases: ovo (lêndea), ninfas de 1º, 2º e 3º estádios e adultos machos e fêmeas. É um inseto hematófago, se alimenta de sangue, e por isto acarreta sérios problemas de saúde para o ser humano” (BARBOSA E PINTO, 2003, p. 581).

¹*P.h. capitis*: Abreviação do nome científico *Pediculus humanus capitis* (piolho do couro cabeludo).

O ciclo do piolho da cabeça é rápido e se completa em 30 dias, podendo viver no couro cabeludo de 1 a 3 meses (BARBOSA E PINTO, 2003), favorecendo a sua presença entre os escolares.

Diariamente a fêmea deposita nos fios de cabelos em média de 7 a 10 ovos, e durante todo o seu ciclo de vida pode depositar cerca de 300 ovos (BARBOSA E PINTO, *op cit*).

Geralmente seus ovos são encontrados nas regiões preferenciais da cabeça: occipital (na nuca) e retro auricular (atrás das orelhas), por serem locais mais quentinhos e ao apresentarem condições favoráveis de temperatura, umidade e PH no hospedeiro, funcionando como verdadeiros berçários para eclosão dos seus ovos que ocorre em torno de 10 dias e, atingem a fase adulta entre 9 e 10 dias (LEUNG *et al.*, 2005).

Várias pesquisas e estudos foram concluídos em todas as partes do mundo e foi constatado que dentre as formas de contágio as que mais favorecem a disseminação e proliferação da *P.h.capitis* são: o contato cabeça com cabeça (LEUNG *et al.*, 2005) e o compartilhamento de objetos pessoais pelas vias fômites (que são qualquer objeto ou utensílio que transporte germes patogênicos), tais como: boné, chapéu, escovas e pente de cabelo, roupas, presilhas, celulares e outros aparelhos eletrônicos via portáteis contaminados, entre outros (BARBOSA *et al.*, 1998; BURKART E BURKART, 1999; HEUKELBACH E FELDMEIRE, 2004).

Segundo Burkhart (2003), “o piolho pode sobreviver até 3 dias sem se alimentar”, o que pode explicar a sua fácil transmissão.

Em virtude disto, é no ambiente escolar que no Brasil comumente encontramos pelo menos, cerca de 30% das crianças infestadas pelo *P. h. capitis*, na faixa etária entre 4 a 12 anos (BARBOSA E PINTO, 2003).

Algumas crianças apresentam alta carga parasitária e outros, com mínima infestação, mas seguramente independente do nível parasitado, estes hospedeiros serão agentes multiplicadores da pediculose do couro cabeludo.

Sabe-se ainda que, esta doença não se confina somente ao ambiente escolar, pois é facilmente carregado para qualquer outro ambiente (principalmente o domiciliar).

Tornando-se cada vez mais abrangente em todos os locais, e sendo as crianças em fase escolar e as mulheres os indivíduos mais susceptíveis a esta epidemia. É importante esclarecer que, a questão das mulheres, não está relacionada ao gênero feminino, mas é devido ao costume de manterem seus cabelos longos, favorecendo o

aumento da área de contato para o piolho, que deposita seus ovos (lêndeas) nos fios capilares.

Outra questão se dá devido ao contato diário com as crianças ao cuidá-las, possibilitando o contato cabeça com cabeça. O que poderia de igual modo ocorrer com o gênero masculino, caso o homem tenha cabelos longos e no cotidiano também, mantenha constante aproximação com as crianças.

Algumas crianças são assintomáticas; entretanto, a maioria apresenta o primeiro sinal da infestação, que é uma intensa e insistente comichão no couro cabeludo (o prurido). É neste momento que são perceptíveis no parasitado o desconforto e os danos físicos, destacando-se: a irritabilidade, o distúrbio do sono, as escoriações e ainda, em alguns casos infecções cutâneas no couro cabeludo, devido à ação oportunista pelas bactérias *Streptococcus pyogenes* e *Staphylococcus aureus*, quando o hospedeiro apresenta alta carga parasitária (MEINKING E TAPLIN, 2003).

A pediculose também provoca danos psicológicos, principalmente no âmbito escolar, pois os alunos visivelmente parasitados sofrem discriminação e *bullying* entre os colegas da classe, propiciando vivenciar momentos vexatórios e humilhantes.

Pois é costumeiro nesta fase infantil apelidar-se uns aos outros, rotulando vulgarmente as crianças infestadas como “piolhentos (as)” associando-os (as) à falta de higiene (“porcos”, no sentido figurado), o que já foi comprovado em várias pesquisas que não é a falta de higiene pessoal que possibilita o contágio por piolho.

A vivência negativa desta experiência incentiva ao absentéismo escolar, favorecendo a baixa estima do aluno (BORGES E MENDES, 2002), contribuindo para o insucesso da aprendizagem, e ainda, em alguns casos, traumas irreversíveis que se perpetuam para o resto de suas vidas, ocasionando, portanto, problemas de ordem social.

Ao combate desta epidemia existem três tipos de medidas: caseira, tratamento químico e a intervenção educacional (apresentando-se como o mais acessível e promissora à eficácia no combate à doença pediculose).

Entre os populares, existem as mais variadas práticas adotadas no combate ao piolho com as crianças, em que: destacam-se as medidas alternativas, como por exemplo, a receita caseira e o uso de produtos altamente tóxicos (LINARDI, 2005).

Dentre as medidas caseiras, as práticas costumeiras são: a utilização de plantas consideradas popularmente como potenciais “piolhidas”, como a *Ruta graveolens* (arruda), *Plectarus barbatus* (boldo) e *Momordia charantia* (Melão de São Caetano).

Algumas pessoas narram também a utilização da mistura do vinagre com álcool e alguns estudos identificaram a utilização inadequada de produtos altamente tóxicos, como por exemplo: Neocid (produto proibido para comercialização, inseticida em pó que extermina pulgas e formigas), querosene e gasolina.

Com relação a tratamentos químicos, os mais rotineiros adotados são: a utilização de produtos à base de organofosforados (substâncias químicas que contêm carbono e fósforo, sendo geralmente obtidas através do uso de sais orgânicos provenientes do ácido fosfórico), a deltametrina (extrato do crizantemo, uma planta) e a permetrina (piretroide utilizado nas opções em xampu ou loção). Segundo Chosidow (2000), a permetrina não é indicada para aplicação em mulheres grávidas, ou que estejam amamentando.

Comprovou-se, por meio de várias pesquisas realizadas no mundo, que estes tratamentos químicos são ineficazes, devido à utilização de forma inadequada pela população, na maioria em baixas concentrações, e ainda a aplicação em indivíduos com baixa carga parasitária, produzindo desta forma o efeito ao contrário, os piolhos tornam-se cada vez mais resistentes (BURGESS *et al.*, 1995; PICOLLO, 2001; BORGES E MENDES, 2002; MONSTER E KELLER, 2002; LEBWOHL, *et al.*, 2007).

Várias pesquisas chegaram à mesma conclusão, de que as medidas educacionais são o que realmente surte efeito no combate ao piolho. O controle mecânico provou-se como a melhor forma de diagnosticar a presença do parasito no couro cabeludo, pois por meio da utilização do pente fino possibilitam retirar dos fios capilares as lêndeas (os ovos). Apresentando-se como uma maneira prática, barata e acessível ao combate ao piolho (LINARDI *et al.*, 2002; BARBOSA E PINTO, 2003; MUNCUOGLU, *et al.*, 2006).

Cabe salientar a importância da intervenção dos pais e/ou responsáveis pelas crianças, assumindo o compromisso em inspecionar semanalmente a cabeça de suas crianças (catação), principalmente as que se encontram em fase escolar.

Entende-se desta forma que seria benéfico, a escola buscar estratégias que estimulasse a parceria com os responsáveis das crianças no combate da doença pediculose.

Foi realizada pesquisa em 2011 na comunidade de Arouce Arouce em Lousã, situado na Região Centro de Portugal, distando 28 km de Coimbra. Pelos dados obtidos dos 105 docentes entrevistados, alocados em 12 jardins de infância e 23 escolas que

ofertam as séries iniciais do ensino fundamental, destes apenas 5,8% dos profissionais consideram ser importante abordar a temática pediculose em contexto de aula, e a maioria discordaram desta afirmativa. E o mais alarmante, 77,9% docentes afirmaram que consideram ineficaz o ensino sobre o piolho na educação básica como recurso ao combate desta doença entre os escolares (UCC AROUCE, 2011).

São dados que deveriam ser encarados como um sério problema de ordem pública, pois estes profissionais do ensino ainda não compreenderam que a pediculose é uma doença grave (embora não seja letal), pois causa prejuízos aos escolares, impossibilitando-os de aprender de forma saudável e que se constitui uma barreira ao processo ensino-aprendizagem, já que os afeta em sua integralidade.

Essa postura adotada por estes docentes se distancia cada vez mais da possibilidade da erradicação desta patologia na comunidade escolar.

Diante de tal realidade, a presente pesquisa objetivou desvelar os mitos e dúvidas de 72 discentes sobre a pediculose, estando ainda em sua formação profissional no Curso Normal (antiga formação de professores).

Por acreditar que ao diagnosticar seus prévios saberes, possibilitará esclarecer os mitos e as dúvidas que persistem em torno da temática proposta e desta forma poderá contribuir com a possibilidade da eficácia ao combate do piolho no ambiente escolar.

Intencionando através da educação em saúde, a promoção da saúde escolar e, conseqüentemente, a saúde coletiva.

Entende-se que possivelmente esse futuro docente enfrentará esta problemática em sua futura sala de aula, e ao aprender de forma consciente como se prevenir e combater o piolho, para estimulá-lo intervir em sua realidade, tornando-se um agente social multiplicador para a promoção da saúde escolar e coletiva.

Dentre vários estudos e pesquisas realizadas desde 1995 até hoje, alguns mitos ainda se mantêm, por exemplo: “o piolho voa, salta e/ou pula” o que já foi comprovado que é errôneo, já que ele é classificado como um inseto que não voa (áptero). Outros mitos são: “pega-se piolho ficando perto de alguém que esteja infectado”, “adquire-se piolho pelo vento”, e as mais variadas crendices populares.

Por isso, acredita-se que através de um processo investigativo em relação aos saberes prévios destes normalistas, e por meio da aplicação de jogos educativos, será possível abordar a temática pediculose, em busca de um ensino produtivo e fecundo, tornando-se mais envolvente e significativo ao educador e ao educando, em prol da promoção da saúde para todos os sujeitos envolvidos no cotidiano escolar.

Objetivo geral

Promover o ensino aos normalistas sobre as formas de contágio, prevenção e combate ao *Pediculus humanus capitis*, por meio da Oficina Pediculose, utilizando como estratégia didática, a aplicação de dois jogos educativos (RPG Pediculose e jogo de cartas Mitos *versus* verdades sobre o piolho) e uma palestra.

Objetivos específicos

- A. Conhecer os saberes prévios dos normalistas sobre as formas de contágio, prevenção e combate ao *Pediculus humanus capitis*.
- B. Responder as dúvidas e mitos dos normalistas, por meio da Oficina Pediculose, utilizando-se como estratégia didática: aplicação de dois jogos educativos (RPG Pediculose, Jogo de Cartas Mitos *versus* Verdade sobre a Pediculose) e uma palestra.
- C. Avaliar a aprendizagem construída pelos normalistas, após realização da aula-oficina Pediculose.

O presente estudo intencionou promover o diálogo entre o educador e o educando, procurando abarcar uma aprendizagem com sentido, pois estes atuais discentes se encontram em formação profissional, e estes futuros docentes se depararão com a doença pediculose.

Por isso, é de extrema importância que os discentes em sua formação profissional reflitam sobre esta problemática, e idealizem estratégias didáticas para interferirem em suas realidades, por meio da promoção da saúde escolar no ensino fundamental.

Propõem-se ainda: uma breve reflexão sobre a história da criação da escola normal no Brasil; a importância da inserção da temática pediculose na educação básica; a descrição dos procedimentos metodológicos aplicados na pesquisa; os dados obtidos nos resultados; as conclusões e as considerações finais.

Quando foi criada a Escola Normal no Brasil?

A primeira Escola Normal nas Américas foi instituída no Brasil no século XIX, em 1835, no município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

Os pré-requisitos na época ao ingresso nesta modalidade de ensino eram: ser um cidadão brasileiro, maior de dezoito anos, com domínio na leitura e escrita, e com

boa morigeração, ou seja; de boa conduta à moral e aos bons costumes (RIO DE JANEIRO, Lei nº 10, 4/04/1835, art. 4º).

Outra particularidade consta detalhada no art. 6º, que menciona a exigência da análise e aprovação por um juiz de paz, e só mediante o deferimento deste, poderia o cidadão brasileiro candidatar-se à vaga de discente na escola normal:

“Os que pretendem matricular-se dirigirão seu requerimento ao presidente da província, instruídos com a certidão de idade e a atestação de boa conduta, passada pelo juiz de Paz de seu domicílio: com despacho do mesmo presidente serão matriculados pelo diretor, se, pelo exame que deverá proceder, achar que possuem princípios suficientes de leitura e escrita”. (RIO DE JANEIRO, Lei nº 10, 4/04/1835, art. 6º).

Maiores exigências ainda eram feitas às candidatas do gênero feminino, que deveriam apresentar um vestuário decente e atender a todas as especificações do Decreto nº 133 / 1854, art. 16º:

“As professoras devem exhibir, de mais, se casadas, a certidão do seu casamento; se viúvas, a do óbito de seus maridos; e se viverem separadas destes a pública sentença que julgar a separação, para se avaliar o motivo que a originou. As solteiras só poderão exercer o magistério público tendo 25 anos completos de idade, salvo se ensinarem em casa de seus pais e estes forem de reconhecida moralidade”(Lei Couto Ferraz. Decreto nº 133, de 17/02/1854, art 16º).

O que evidenciou de fato o porquê da criação da Escola Normal, pois tinha por primazia não promover o processo ensino-aprendizagem à população, mas moralizá-la segundo os preceitos estabelecidos pelos governantes da época, em caráter de dominação do povo. Segundo o Relatório de 1839, o Presidente da Província do Rio de Janeiro, Paulino José Soares de Souza:

“é preciso, portanto; juntar à instrução primária a educação e educar o povo, inspirar lhes sentimentos de religião e moral, melhorando-lhe assim pouco a pouco os costumes”. (Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro, José Paulino Soares de Souza, *apud* VILLELA, 1990, p.155).

Segundo Amorim e Ferronato (2013, p.211), “a *configuração do trabalho docente, iniciou somente após o surgimento das Escolas Normais em 1835, idealizou-se um corpo de saberes específicos que demonstrasse a habilitação dos professores para ensinar e que fossem além das matérias que seriam ensinadas por eles*”.

Mas a Escola Normal pública e gratuita concretizou-se somente em 1880. Por meio do Decreto nº 8.025, de 16/03/1881, em que ficou estabelecido que:

Artigo 1º: A Escola Normal tem por fim preparar professores primários de 1º e 2º graus: o ensino nela distribuído será gratuito, destinado a ambos os sexos, e compreenderá dois cursos – o de ciências e letras e o de artes.

Artigo 2º: O curso de Ciências e Letras compor-se-á das seguintes matérias: Instrução Religiosa, Português, Francês, Matemática Elementar, Corografia e História do Brasil. Cosmografia, Geografia e História Geral, Elementos de

Mecânica e Astronomia, Ciências Físicas, Ciências Biológicas, Lógica, Direito Natural e Público. Economia Social e Doméstica, Pedagogia e Metodologia.

Artigo 3º: O curso de Artes abrangerá as seguintes disciplinas: Caligrafia e Desenho Linear, Música Vocal, Ginástica, Trabalhos de Agulha (para alunas) (DECRETO nº 8.025, 16/03/1881, arts. 1º, 2º e 3º).

Percebe-se que, desde a criação da primeira escola de formação de professores no Rio de Janeiro em comparação à escola contemporânea, que ocorreram muitas mudanças nos objetivos propostos para esta formação profissional. Verifica-se que nos dias atuais, a oferta é disponibilizada a quem se interessar, sem a exigência da maioria e da aprovação em juizado.

Segundo Martins (2009, p. 180), “*no século XIX, a cultura pedagógica instalada nas Escolas Normais considerou que o professor seria a pessoa que deveria cumprir a missão moral e educacional de levar o esclarecimento para a população ignorante, aquele que iluminaria as mentes e possibilitaria a transmissão do saber a todos*”.

Entretanto, muitos desafios ainda se apresentam no século XXI, embora já se tenha uma Lei regulamentar que prioriza a educação para todos (LDB nº 9.394/96), que idealiza um ensino interdisciplinar, multidisciplinar e transversal.

Existem muitas lacunas a serem preenchidas, dentre elas, a maneira de como promover um ensino libertador que responda as propostas desta nova legislação, e principalmente, que atenda as reais necessidades dos sujeitos educativos (educador-educando).

Atualmente, a formação de professores (Curso Normal) é ofertada na educação básica, como modalidade de ensino do ensino médio, perpassando por três anos de formação integral (Portaria nº 91, 2010), por meio de uma formação docente sem especificidades, de modo polivalente, possibilitando lecionar todas as disciplinas às classes iniciais do ensino fundamental (primeira à quarta série).

Ainda nos dias atuais, a exigência da formação em curso superior também para a docência no ensino fundamental não está sendo cobrada, mas consta como requisito na Lei em vigência constante na LDB 9.394/96, art. 62:

“A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal”.

(BRASIL, 1996, p.22).

Com ou sem formação superior, é extremamente necessário subsidiar os alunos em sua formação profissional, ainda no modelo atual no Curso Normal, para estimulá-los a produção e a construção dos saberes. E desta forma, poderão mobilizá-los a refletirem sobre sua futura prática docente em sala de aula.

Quadro 1 – Breve resumo sobre a história da criação da Escola normal no Brasil.

Ano	Acontecimentos	Objetivo
1835 - 1839	A primeira Escola Normal nas Américas foi instituída no Brasil no século XIX, em 1835, no município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro.	“Moralização e dominação do povo”. (Lei nº 10, 4/04/1835, art. 4º; Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro, José Paulino Soares de Souza).
1854	Exigências para a inserção do sexo feminino na escola normal.	“Exigências para inserção do sexo feminino na Escola Normal”. (Lei Couto Ferraz. Decreto nº 133, de 17/02/1854, art. 16º).
1880 - 1881	Concretização da Escola Normal pública e gratuita.	“Preparar professores primários de 1º e 2º graus (ambos os sexos)”. (Decreto nº 8.025 de 16 de março de 1881).
1996	A educação para todos; Formação docente para educação básica será exigida em nível superior, em curso de graduação em Licenciatura Plena.	“Todos com direito ao acesso escolar”. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96). “Formação de docentes para educação básica será exigido em nível superior.” (LDB nº 9.394/96, art. 62).
2010	Curso Normal no ensino médio.	“Formação docente perpassando por três anos, sem especificidades e de modo polivalente”. (Portaria nº 91, 2010).

Por que abordar a temática pediculose no Curso Normal?

No Brasil, atualmente, a prática no ensino fundamental atenta-se às diretrizes e as orientações constantes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), e dentre os objetivos propostos, preconiza-se que os alunos sejam capazes de:

“Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva.” (BRASIL, 1998. p.5).

Recomenda-se, a inserção de temas transversais, entre eles os eixos: “Meio Ambiente e Saúde”, e que estes que deveriam perpassar por todo currículo

escolar e não ficar apenas com o olhar biológico, pois se almeja que os alunos sejam conscientes e responsáveis pela sua própria saúde, bem como pela saúde coletiva.

Por isto, é necessário que os mesmos, sejam envolvidos em ações de promoção, proteção e recuperação da saúde.

O PCN é direcionado para atender a educação para a saúde no primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental, organizado em blocos de conteúdos, na intenção de indicar as dimensões, individual e social da saúde; são eles: “*Autoconhecimento para o autocuidado e Vida coletiva* (BRASIL, 1998. p.75-82).”

Segundo estas orientações didáticas, este mesmo documento instrui que “*a organização dos conteúdos de educação para a Saúde deve ser encarada como um roteiro geral de possibilidades de instrumentalização dos alunos para práticas favoráveis à saúde, levando em conta seu grau de desenvolvimento de capacidades cognitivas, afetivas e psicomotoras*”. (BRASIL 1998, p.83).

A Secretaria de Educação no estado do Rio de Janeiro sugere aos docentes como uma ferramenta diretiva, o currículo mínimo, que aponta quais conteúdos devem obrigatoriamente ser trabalhados em sala de aula.

E para a modalidade Curso Normal, da primeira à terceira série do ensino médio, aponta a disciplina intitulada “Conhecimentos didáticos pedagógicos em educação infantil”, que preconiza estimular os aprendizes de professores a reflexão sobre a teoria e a prática:

“Busca-se ampliar os diferentes olhares sobre a Educação infantil, como promotora de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagens e possibilitar a um (a) futuro (a) professor (a) conhecimentos que facilitem a interação criança-criança, criança-adulto, e deles com o meio ambiente”.(Currículo mínimo, 2013. p.04).

Mais especificamente na segunda série deste curso, no primeiro bimestre, sugere-se o eixo denominado “Cotidiano escolar na educação infantil”, estabelecendo como propósito desenvolver várias habilidades e competências; dentre elas, destaca-se:

“Conhecer o cotidiano escolar na Educação infantil; pensar o cotidiano escolar da Educação infantil como um espaço lúdico onde brincar contribui para o desenvolvimento, a aprendizagem e a construção de significados pela criança”. (Currículo Mínimo, 2013. p.6).

Na terceira série, no quarto bimestre encontra-se no eixo “Contribuições das ciências e matemática para educação infantil”, que propõem como habilidades e competências:

“Construir conceitos relacionados à vida, e à natureza para que o professor e aluno se percebam como parte e agentes transformadores do ambiente em que vivem” (Currículo Mínimo, 2013. p.07).

O docente deveria considerar em seu planejamento de aula a realidade cotidiana escolar de seus alunos e de toda a comunidade escolar. É necessário conhecer as tensões fundamentais que a escola e o aluno enfrentam, apropriando-se de suas reais necessidades (CHARLOT, 2013).

O ensino da doença pediculose no Curso Normal pode ser encarado como importante e válido, pois é uma problemática que é enfrentada cotidianamente no ambiente escolar. Desta forma, entende-se que se faz necessário mobilizar os discentes em sua formação profissional, pois segundo Charlot (2013, p.146):

“(…) prestar atenção à mobilização dos alunos leva a interrogar-se sobre o motor interno do estudo, ou seja, sobre o que faz com que eles invistam no estudo. Motiva-se alguém de fora, mobiliza-se a si mesmo de dentro.”

Entende-se que apreender a realidade do aluno lhe confere a possibilidade da prática de um ensino com sentido e que, no que tange à temática proposta, subsidiará o normalista em sua formação profissional, para que idealize possíveis práticas de ensino que possibilitem a promoção da saúde na escola e, conseqüentemente a saúde coletiva. Pois o piolho não fica restrito à escola, visto que, uma vez acometido por ele, a criança e/ou o educador poderá transportá-lo para seu ambiente domiciliar e vínculo social.

Capítulo 1 – Metodologia

Com o intuito de auxiliar os normalistas a revisar e aprender sobre a pediculose, foi adotada como estratégia didática: a inserção da ferramenta lúdica, por meio da aplicação de jogos educativos (“RPG Pediculose” e jogo de cartas “Mitos *versus* verdades sobre o piolho”); a realização de palestras e aplicação de três formulários (Q1, Q2 e Q3), em caráter investigativo sobre os prévios saberes dos discentes a cerca da temática proposta, para avaliar a construção dos novos saberes após intervenção. (APÊNDICES 1, 2 e 3).

Almejou-se incentivar os normalistas à busca pela sua mobilização pedagógica, fazendo-os entender que a ferramenta lúdica é uma possível proposta didática e, que poderá proporcionar benefícios à sua futura docência. Segundo Leal (2013), “*o lúdico pode ser uma importante estratégia didática para o ensino, não apenas de ciências.*”

Acredita-se que por meio da linguagem lúdica, *“o aluno equilibra os conflitos gerados de seu mundo cultural, formando sua subjetividade, sua marca pessoal e sua individualidade”* (MATOS, 2013).

De acordo com Cunha *et. al.* (2008, p.305), *“o enfrentamento deste problema por parte dos professores pode ser alcançado, assim como uma formação cidadã, nos quais, mitos e outras crenças sejam desconstruídos, dando lugar a novos caminhos que possibilitem a interrupção da perpetuação da transmissão desta patologia em sala de aula”*.

Neste propósito, para realização desta pesquisa, no intuito de promover mudanças conceituais, cognitivas e comportamentais em todos os sujeitos envolvidos na comunidade escolar, elaborou-se a oficina intitulada: *“Oficina Pediculose, desmitificando a praga dos piolhos!”*.

1.1 Local de pesquisa

Esta pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2014, no Colégio Estadual Alexander Graham Bell, pertencente à Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ), coordenadoria Metropolitana V. Estabelecido no segundo distrito do município de Duque de Caxias no estado do Rio de Janeiro / Brasil, situado na Rua Santa Rita s/nº, no bairro Jardim Primavera.

Esta instituição iniciou suas atividades no ano de 1965 e se apresenta como referência de qualidade no ensino entre os municípios da Baixada Fluminense.

Assim como os demais colégios estaduais, desde o ano de 2011 tem encerrado suas funções no ensino fundamental, na tendência de que a cada ano, um ano de escolaridade do ensino fundamental se encerre, para que a partir de 2020, seja ofertado apenas do Ensino Médio, uma vez que é prerrogativa do Município ofertar o ensino fundamental.

Atualmente atende aproximadamente cerca de 2.000 alunos, ofertando o ensino nas modalidades das séries finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), e no ensino médio as modalidades Formação Geral ofertadas nos turnos manhã, tarde e noite, Curso Normal (antiga formação de professores) em período integral, iniciando suas funções a partir das 7h e encerrando às 22h.

Hoje, a gestão escolar conta com três diretores, 94 funcionários e expressa total interesse em participar de pesquisas e publicação de artigos, por acreditar que o envolvimento de seus alunos em projetos científicos poderá despertá-los para que se

tornem sujeitos mais críticos de suas realidades, e principalmente almejem avançar e dar continuidade em seus estudos pleiteando por um ensino superior.

1.2 Critérios de inclusão e exclusão na pesquisa

O critério de inclusão adotado ao referido projeto de pesquisa teve por foco somente os alunos da modalidade Curso Normal e de exclusão, todas as demais classes do segundo segmento do ensino fundamental e formação geral.

Este projeto de pesquisa inicialmente contou com 141 alunos que participaram da primeira etapa respondendo ao formulário Q1 (diagnóstico dos prévios saberes desses discentes). Porém, somente 72 discentes participaram de todas as etapas da Oficina Pediculose, e somente estes resultados foram considerados para análise nesta pesquisa.

Ressalta-se que somente os alunos interessados das turmas eleitas participaram deste estudo, mediante entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por seus responsáveis, autorizando-os à participação na pesquisa (exigência somente aos menores de 18 anos).

Todos os normalistas foram mantidos no anonimato, sendo identificados na análise dos dados com uma codificação própria. Foram codificados pela sigla CN (referência a modalidade ensino “Curso Normal”), acrescido do número inputado ao aluno (no caso, 0 a 72; representando a quantidade dos entrevistados). Foram representados nos exemplos das respostas transcritas nos quadros analisados nesta pesquisa da seguinte maneira: CN01, CN02... CN72.

É importante esclarecer, que foram transcritas as respostas desses escolares obtidas por meio dos formulários na íntegra, não foram efetuadas as correções ortográficas. Foram preservadas as falas expressas por esses discentes, por meio de suas escritas. Por isto, notar-se-ão vários erros de gramática.

1.3 Procedimentos metodológicos

Para a realização deste estudo, a escolha do modelo de estratégia didática espelhou-se no conceito aula-oficina da historiadora Isabel Barca que considera o importante papel do professor de história:

“Terá que assumir-se como investigador social, aprender a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos não para de imediato classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceptualização dos alunos”. (BARCA, 2004, p. 133).

Este modelo pedagógico propõe conhecer o que o aluno já sabe sobre o conteúdo e, permite ao docente investigar tais saberes, aproximando-o, portanto, da realidade de cada aluno. Segundo Sperandio *et. al.* (2012, p.133):“(...) *nessa perspectiva de modelo pedagógico o professor auxilia o aluno a desenvolver um pensamento crítico acerca da história*”.

Compreende-se que este diálogo entre o discente e docente é benéfico, tornando o ensino em sala de aula produtivo. Neste propósito, para esta pesquisa, adotou-se o referido modelo pedagógico. A fim de, promover o processo ensino-aprendizagem e a mobilização dos normalistas para a educação em saúde em sala de aula, por meio da realização de uma aula-oficina intitulada “Oficina Pediculose – Desmitificando a praga dos piolhos!”.

Foram realizados quatro encontros em uma escola pública da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, conforme descritos abaixo:

- Primeiro encontro: aplicação do formulário Q1 – Conhecendo as percepções dos alunos-professores sobre o piolho, usado para obter os saberes prévios dos normalistas sobre a Pediculose (APÊNDICE 1).
- Segundo encontro: aplicação do “Jogo RPG Pediculose”, intencionando responder as dúvidas dos normalistas sobre a origem da doença, as formas de contágio, prevenção e combate ao piolho (APÊNDICE 4).
- Terceiro encontro: aplicação do “jogo de cartas Mitos *versus* Verdades sobre o piolho” (APÊNDICE 5) para esclarecer as dúvidas sobre as formas de contágio por *Pediculus*. E a aplicação do formulário “Q2-Avaliação da ferramenta lúdica como estratégia didática para a promoção do ensino da pediculose. (APÊNDICE 2).
- Quarto encontro: realização de uma palestra para sanar as dúvidas que ainda persistiam e aplicação do formulário Q3-Avaliação da Aprendizagem após aula-oficina (APÊNDICE 3).

Este projeto de pesquisa foi submetido na íntegra à análise do Comitê de Ética e Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz – Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ/ IOC / RJ, recebendo aprovação através do Parecer nº 799.019 - CAAE: 3250114.9.0000.5248.

De igual modo, foi submetido à análise e aprovação da Secretaria de Educação do estado do RJ (SEEDUC/RJ), devido ao fato de a pesquisadora não ser docente na rede estadual de ensino (ANEXO 2).

Em consonância com os princípios da ética em pesquisa com seres humanos, os normalistas maiores de idade e os pais ou responsáveis pelos jovens menores de 18 anos, receberam e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TECLE), que informa sobre os objetivos da pesquisa, as atividades previstas, seus riscos e benefícios, bem como dá garantia do sigilo das informações coletadas (ANEXOS 5 e 6).

Ressalta-se que essa aula-oficina foi realizada nos horários regulares das turmas, com intervalos de uma semana para execução de cada etapa, e sob a inspeção do professor regente em sala de aula.

Foi acordado que, caso algum aluno se recusasse em participar, ou seu responsável não o tivesse autorizado mediante a entrega do TECLE, a escola autorizaria o referido aluno a ausentar-se da sala pelo período de 50 minutos, devendo este dirigir-se à biblioteca da escola para executar outros trabalhos escolares, sendo supervisionados pela coordenadora (inspetora) durante este período, a fim de garantir a ordem.

1.3.1. Conhecendo os saberes prévios dos normalistas sobre o piolho

Conhecer os saberes prévios dos alunos deveria ser uma prática indispensável da ação educativa, pois a investigação pode ser considerada como um ponto de partida para o avanço e embasamento para a construção de novos saberes por parte dos sujeitos educativos (educador- educando).

Pois segundo Freire (2013, p.47), “*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção*”.

Em atendimento ao objetivo específico A, utilizou-se como instrumento o formulário “Q1-Conhecendo as percepções dos alunos-professores sobre o piolho”, questionário semiestruturado com 10 perguntas abertas e fechadas (ANEXO 1), em caráter investigativo e exploratório, com o propósito de identificar os saberes prévios dos futuros docentes sobre a temática proposta.

Nesta primeira etapa participaram 141 discentes, distribuídos no primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio do Curso Normal. Entretanto, para a análise dos resultados, apenas considerou-se os dados obtidos dos 72 discentes que participaram de todas as etapas da referida pesquisa.

Para preservação de suas identidades, foram nomeados pelo código CN (= Curso Normal), seguido de uma numeração, por exemplo, CN01, CN02, daí por diante.

1.3.2 Aplicação do Jogo RPG Pediculose

Segundo Oliveira Neto e Benite-Ribeiro (2012, p.1), “o Role-Playing Game (RPG²) tem sido apontado como importante material pedagógico, pois incentiva a cooperação e a utilização do saber prévio dos estudantes para a construção de novos conhecimentos”.

Aprender brincando tem se mostrado ao longo dos anos como um importante facilitador para a construção do saber em sala de aula; por isto, muitos estudos têm se voltado para a análise da inserção dos jogos educativos como um recurso didático.

Dentre eles, destaca-se o Role-Playng Game (RPG), que tem sido experimentado por diversas disciplinas. Na medida em que os jovens se interessam por esses jogos, educadores se apropriam dessas linguagens e as trazem para a sala de aula, além de estimular a leitura e a escrita (PAVÃO, 2000; AMARAL, 2008).

Baseando-se neste modelo didático, para realização desta pesquisa, ocorreu uma adaptação para abordagem da Pediculose em sala de aula, possibilitando sua aplicação em sala de aula e em horário regular escolar, foi elaborado o jogo “RPG Pediculose”. Segue abaixo, toda a proposta desta atividade lúdica:

Objetivo: Conhecer os saberes prévios dos normalistas sobre a pediculose e orientá-los sobre a origem, as formas de contágio, prevenção e combate ao *Pediculus humanus capitis*.

Material necessário: fichas de identificação de cada grupo: nome do grupo, do líder, nomes dos recrutas (APÊNDICE 4).

Tempo de duração: 50 minutos (1 tempo).

²RPG: Abreviação do jogo *Role-Playing Game*, significa “jogo de interpretação de papéis”; trata-se de uma técnica de criação de narrativas colaborativa, não tem a intenção de ser competição. O primeiro jogo foi criado por Gary Gigax e Dave Anerson nos EUA em 1971, para um fim comercial, como entretenimento, não se destinava ao ensino formal, o jogo intulado The Fantasy Game e rebatizado em 1974 de Dungeons & Dragons (D&D), algo como “Masmorras e Dragões”. O D&D existe até hoje e é um jogo de fantasia medieval fortemente influenciado pelos romances “O Hobbit” e “O Senhor dos Anéis”(TOLKIEN, J.). Estes autores eram ávidos jogadores de “jogos de guerra” (wargames, um passatempo bem comum nos EUA) que simulam batalhas usando miniaturas de veículos e exércitos (SCHUSTER; LOPES, 2012). No Brasil, o jogo RPG foi inserido na educação entre os meados dos anos 90 e o início do ano 2000, com um meio de estratégia de ensino (SCHUSTER; LOPES, 2012). Surgiram então os jogos RPGs didáticos para atender o contexto escolar foi inspirado em teorias construtivistas de educação, baseada na ideia em que a produção de conhecimento ocorre através da participação ativa do aluno (VYGOTSKY, 1994), faz uma alerta também para pedagogia da autonomia de Freire (2006) quando aborda a questão do docente e discente assumirem seus papéis de protagonismo na construção de conhecimento.

Regra da pontuação: resposta correta valendo 10 pontos e incorreta valendo 5 pontos.

Foi aplicado o jogo “RPG Pediculose” em dias distintos; cada turma foi dividida em 5 equipes com 10 integrantes.

Os alunos preencheram a ficha de identificação das equipes com a escolha dos personagens.

As etapas e o *script* do jogo foram:

1ª fase: Mestre dos mestres convida os grupos a fazerem uma viagem de volta ao túnel do tempo, onde seus corpos (os grupos de alunos) serão transformados e todos vivenciarão uma nova forma de vida.

“... Iniciaremos uma aventura, utilizaremos uma potente e eficaz máquina do tempo com o intuito de desvendarmos e entendermos o mecanismo de ação de uma espécie milenar, que ainda em pleno século XXI permanece vivaz, trazendo prejuízos ao homem (seu hospedeiro preferido). Portanto, embarquemos nesta viagem. Para esta viagem é necessário que cada grupo execute algumas ordenanças/ tarefas, exigindo apenas atenção e um olhar crítico; segue a primeira tarefa: cada líder deverá retirar da mesa o envelope 1. Leia o que está escrito e juntos com seus recrutas desvendem o primeiro mistério. “Envelope 1 – Quando apareci na Humanidade, qual a minha terra de origem?”... - Pistas: Deserto, pirâmides, Faraó... Resposta: _____.

2ª fase: Mestre dos mestres – “... e a máquina continua nesta grande viagem”... O recruta “Ansiedade” deverá retirar o envelope 2. “Envelope 2 – Pertencço ao Filo *Arthropodes*, da Artrópode da classe *Insecta*, ordem *Phthiraptera* da subordem *Anoplura*, gosto de me alimentar de sangue, sou hematófago, quem sou eu?”. Pistas: Morcego, Sanguessuga, *Pediculus*. Resposta: _____.

3ª fase: Mestre dos mestres – “... atenção agilizem...”; o recruta “Organizado” deverá retirar o envelope 3. “Envelope 3 – Tenho um nome de registro e um apelido popular, vocês conhecem quais são?” Pistas A: Nome científico - *Pediculus h. capitis*, *Pediculus h. corpóreo* ou *P. púbis*? Resposta: _____.

Pistas B: Nome popular - chato, piolho ou carrapato. Resposta: _____.

4ª fase: Mestre dos mestres – “... nossa, chegou o momento do descanso, temos que nos retirar para o nosso aconchego”... o recruta “Atencioso” deverá retirar o envelope 4. “Envelope 4 – Aonde me refugio, qual é o meu *habitat* preferido?” - Pistas: animais domésticos, couro-cabeludo ou animais silvestres? Resposta: _____.

5ª fase: Mestre dos mestres – “... na batalha do dia a dia, tenho um esconderijo, onde me mantenho quando me considero ainda frágil para conquistar novas terras no meu *habitat* preferido”..., o recruta “Paciente” deverá retirar e responder o envelope 5. “Envelope 5 – Aonde fica este esconderijo no couro-cabeludo?. Em todos os cantos do couro-cabeludo ou na nuca + atrás da orelha? E por quê? Resposta: _____.

6ª fase: Mestre dos mestres – “... Todo animal em sua cadeia alimentar tem um alvo preferido”..., o recruta “Organizado” deverá retirar e responder o envelope 6. “Envelope 6 – Quais são os meus alvos preferidos?” Pistas: Humanos na fase adulta, somente as crianças ou mulheres + crianças na fase escolar. Resposta: _____.

7ª fase: Mestre dos mestres – “... Tenho minhas estratégias para conquistar uma nova terra (couro cabeludo)”... O recruta “Determinado” junto com o grupo responderá a esta pergunta (envelope 7). “Envelope 7 – Cite pelo menos duas formas de se pegar o piolho?” Resposta: _____.

8ª fase: Mestre dos mestres – “... Ao longo dos anos desenvolvi estratégias para minha sobrevivência, pois facilmente sou transmitido e consigo parasitar um novo hospedeiro, dando a impressão de que sou imortal”..., o recruta “Persistente” deverá retirar e responder ao envelope 8. “Envelope 8 – Cite pelo menos duas formas de transmitir o piolho?” Resposta: _____.

9ª fase: Mestre dos mestres – “... Minha chegada na nova terra é de forma silenciosa, mas após encontrar um lugar seguro, faço notória a minha presença”..., o recruta “Irritado” deverá retirar e responder o envelope 9. “Envelope 9 – Quais são os primeiros sintomas que indicam a presença do piolho em meus alvos preferidos?”. Resposta: _____.

10ª fase: Mestre dos mestres – “... Como em toda espécie existem formas de me combater”..., o recruta “Prevenido” deverá retirar e responder o envelope 10. “Envelope 10 - Você conhece alguma maneira (ação) de combate ao piolho? Qual (is)?” - Resposta: _____.

1.3.3 Aplicação do Jogo de Cartas Mitos *versus* Verdades sobre o piolho

No terceiro encontro, foi aplicado o segundo jogo denominado “jogo de cartas Mitos *versus* Verdades sobre o piolho”, visando responder as indagações sobre as formas de contágio por este ectoparasito, e aplicação do formulário Q2 (ANEXO 2), para se avaliar o parecer dos alunos sobre a utilização do lúdico para a promoção do ensino como estratégia didática.

Para elaboração deste jogo ocorreu uma adaptação ao modelo de cartas proposto por SILVA *et. al.* (2011) aplicado para o ensino da disciplina Química.

Objetivo: Desmitificar mitos e verdades sobre as formas de contágio, transmissão e prevenção à pediculose.

Aturma foi dividida em 5 (cinco) grupos = 10 alunos (cada).

Tempo de duração: 50 minutos (1 tempo).

Regra para pontuação: resposta correta valendo 10 pontos e incorreta valendo 5 pontos.

Material necessário: foram elaboradas 10 questões retiradas da análise das respostas obtidas no formulário Q1 e do primeiro jogo aplicado “RPG Pediculose” nas turmas, e foram inclusas outras questões abordando sobre as vias fômites (que são objetos e utensílios capazes de transportar germes patogênicos). Foi confeccionado um cartaz em TNT em cores variáveis, para servir como espaço para afixação das perguntas sobre esta patologia. Foram elaboradas 10 cartas no tamanho 20 cm X 25 cm contendo imagens e respostas às questões, fixadas em cartolina ou E.V.A. com fita dupla face na parte posterior, permitindo ao discente anexar na hora da atividade a imagem no cartaz, no local em que considerava ser a resposta certa.

A turma foi dividida em 5 grupos (10 participantes cada). As cartas estavam dispostas em uma mesa, com as imagens voltadas para cima, e cada um dos integrantes do grupo, responderam as questões propostas. No final da atividade foi verificada a pontuação alcançada nos grupos, e todas as questões respondidas incorretamente foram esclarecidas na intenção de responder as dúvidas que ainda persistiam em torno dos mitos e verdades sobre o piolho.

Vale ressaltar que os dois jogos educativos não foram realizados em caráter classificatório (vencer ou perder / certo ou errado), pois não tiveram por proposta incentivar a competição entre os grupos. Mas, serviram como um atrativo aos discentes para envolvê-los ao conteúdo abordado, de modo a estimulá-los a querer aprender sobre a pediculose.

1.3.4 Realização da palestra e aplicação do formulário Q3

Objetivando desmitificar os conceitos errôneos sobre a pediculose, em relação às formas de contágio, prevenção e combate ao piolho, vale destacar que a palavra “desmitificar”, oriunda do prefixo *des*, de origem latina, significa separação ou uma ação contrária; e a palavra “mito”, que vem da palavra de origem grega *mythós* (que

tinha um grande número de significados dentro de uma ideia básica: “discurso, mensagem, palavra, assunto, invenção, lenda, relato imaginário”).

Em relação à pediculose está relacionado a credices populares, como por exemplo, “o piolho pula, salta e/ou voa”, tornando-se um mito e sendo perpetuado às gerações.

No último encontro foi realizada uma palestra em sala de aula, por meio da utilização das imagens sobre a representação dos mitos e verdades sobre o piolho, permitindo a troca de ideias voltadas às dúvidas sobre as formas de contágio, prevenção e combate ao *P.h.capitis*.

Após esta conversa com os discentes, foi aplicado o último formulário Q3 (APÊNDICE 3), com o propósito de avaliar os novos saberes construídos pelos normalistas após a Oficina Pediculose.

No terceiro capítulo serão apresentados os resultados obtidos em cada etapa desta pesquisa.

Capítulo 2 - Resultados e discussão

2.1 Escolha do tipo de análise de conteúdo

No intuito de qualificar, categorizar e reinterpretar todas as mensagens coletadas a cada etapa da pesquisa os resultados obtidos foram submetidos à análise de conteúdo, saindo do senso comum de uma leitura e propondo dar significado a cada resposta alcançada (BARDIN, 2011).

A análise dos dados ocorreu a partir da execução de cada fase, buscando a prática de um olhar atento e crítico sobre os dados coletados, perpassando em três momentos distintos.

No primeiro momento, teve por primazia o ato de conhecer os saberes prévios dos normalistas sobre a pediculose, a fim de conhecer seus mitos e dúvidas sobre esta doença. Ocorrendo inicialmente por meio da aplicação do formulário Q1 (ANEXO 1).

No segundo momento, foi realizada uma aula-oficina em três etapas e em três encontros distintos. Adotou-se como estratégia didática, a ferramenta lúdica e uma aula expositiva-dialogada. Por meio da realização de dois jogos educativos, o “RPG Pediculose e o jogo de cartas Mitos *versus* Verdades sobre o piolho”, e uma palestra.

Possibilitando as trocas de ideias com os discentes, com o propósito de orientá-los sobre as verdades sobre as formas de contágio, prevenção e combate ao *Pediculus*,

incentivá-los ao aprender brincando e, ao mesmo tempo, estimulá-los à reflexão sobre a possibilidade de idealizar outras ações educativas, que poderão ser aplicáveis em sua futura prática docente nas séries iniciais do ensino fundamental (sugestões para mobilização e não instrumentalização).

Como instrumento avaliativo dos jogos educativos, após a realização dos jogos foi aplicado um segundo formulário Q2 (APÊNDICE 2), para obter um parecer dos alunos sobre o que representou a proposta lúdica neste ensino.

Por fim, na última etapa da pesquisa, foi aplicado o terceiro e último formulário Q3 (APÊNDICE 3) para qualificar o possível aprendizado construído pelos discentes após a realização da Oficina Pediculose.

Seguem nos próximos subitens os resultados analisados a partir de cada etapa do projeto.

2.2 Resultados e discussão dos dados obtidos no formulário Q1 (APÊNDICE 1)

Conhecer os saberes prévios dos alunos deveria ser uma prática indispensável da ação educativa, pois a investigação pode ser considerada como um ponto de partida para o avanço e embasamento para a construção do conhecimento entre os sujeitos educativos (educador-educando).

Ressalta-se que foram analisadas somente as respostas das questões 4, 5, 6, e 10 (ANEXO 1), que tinham relação direta com os objetivos propostos para esta investigação (que é conhecer o que os formandos sabem sobre o piolho, identificar os mitos e dúvidas, e mobilizá-los para uma prática reflexiva sobre sua futura prática docente).

Outra consideração importante é que a pesquisadora optou por transcrever os exemplos de respostas obtidas nos formulários, ou seja; sem efetuar correções de ortografia, mantendo na íntegra as palavras escritas pelos normalistas.

Pergunta 4 - Quando criança você já foi acometido de piolho?

Sim (), Não (), Não lembro (), Nunca ().

Obs.: Se “sim”, o que sua mãe ou responsável utilizava para combater?

Pergunta 5 - Qual das maneiras abaixo, você acha que se pega piolho?

() Ele pula de uma cabeça à outra

() Sentando perto de alguém que tenha piolho

() Ele voa

() Pelo vento

() Utilizando o pente de outra pessoa

() Utilizando boné, chapéu ou outros adereços.

() Somente na época do verão

() Se não lavar a cabeça todos os dias () Outros _____

Pergunta 6 - Você acha que ter piolho é estar doente?

Pergunta 10 - Como você trabalharia este assunto nas classes iniciais do ensino fundamental?

Na pergunta 4, objetivou-se aproximar os discentes ao assunto proposto, partindo de suas próprias experiências com o piolho na infância, e dos 72 alunos questionados, a maioria (67/72 - 93,05%) afirmou que foram acometidos por piolho, confirmando que nesta fase escolar é suscetível o contato com a pediculose; portanto, torna-se pertinente à abordagem no Curso Normal (QUADRO 2).

Ainda nesta indagação, foi possível conhecer pelas respostas obtidas dos normalistas, suas experiências de vida em relação aos procedimentos adotados por seus responsáveis na época no combate ao piolho. Porém, vale ressaltar que não se teve por objetivo discutir a eficácia de tais ações.

Na verdade intencionou-se como ideia central, identificar os mitos e credences populares sobre as práticas costumeiras no combate ao *Pediculus*, e obteve-se: ação medicamentosa (41,72%), o uso de receitas caseiras (21,19%) e ação mecânica (16,56%).

Porém, nesta investigação foram verificados outros mitos entre a população que servem como um alerta, dentre eles: utilização de procedimentos ineficazes, com a aplicação de artigos de perfumaria, como perfumes (Alfazema), sabão de coco, xampus e condicionador, entre outros (11,26%).

Remete-se à credence de que o piolho não gosta de sujeira (“cabelo sujo”); e a aplicação de produtos tóxicos e danosos à saúde humana, como: querosene, Baygon e Neocid (1,99%), que embora se apresentem em um percentual menor, demonstram o desconhecimento da população em relação ao perigo que representa a utilização destas substâncias, reforçando; portanto, a urgente necessidade de se elaborar estratégias didáticas em sala de aula em prol da promoção da educação em saúde para o bem-estar público.

Quadro 2 – Respostas obtidas na pergunta 04 do formulário Q1 -

Quando criança você já foi acometido de piolho? Sim (), Não (), Não lembro (),

Nunca (). Obs.: Se “sim”, o que sua mãe ou responsável utilizava para combater?

Respostas	Quantidade	%
Sim	67	93,05%
Não	02	2,78%
Não lembro	01	1,39%
Nunca	02	2,78%

Categorias encontradas / Quantidade de alunos	Definições encontradas (respostas obtidas dos alunos)	Exemplos de respostas obtidas dos alunos
1. Ação medicamentosa (63)	<i>Remédios (19), Escabin (15), comprimido (7), Kwell (03), Revectina (03), Ivermectina (01), remédio de sarna (01), remédio no creme (01), remédios comprados (01), remédio na minha cabeça (01), shampoo antipiolho (04), shampoo de piolho (02), shampoo contra piolho (02), shampoo especializado (02), Tetimozol (01).</i>	<i>Quase todos os tipos de remédio (CN64). O produto chamado "Kwell", e depois o shampoo com o pente fino (CN58). Escabin, e um comprimido que protegia a cabeça de piolho durante 6 meses (CN66). Minha mãe usava remédios para combater (CN11).</i>
2. Receitas caseiras (32)	<i>Álcool (07), Álcool com fumo de rolo (01), Arruda (01), fumo de rolo (01), fubá (01), cachaça (01), remédios caseiro (03), um tipo de chá (01), vinagre (13), Vinagre com sal (01), Vinagre com detergente (01), vinagre com fumo de rolo, limão (01).</i>	<i>Minha mãe colocava vinagre com sal na minha cabeça e deixava 20 min (CN57); Minha mãe misturou vinagre com detergente e passando o pente fino (CN60); Shampoo, fubá, álcool, cachaça, pentefino, um tipo de chá e remédios. Os procedimentos eram semelhantes, passar o produto após uns minutos retirá-lo (CN54).</i>
3. Ação mecânica (25)	<i>Pente fino (21), catação (04).</i>	<i>Pente fino (CN05). Minha mãe utilizava remédios caseiros, lava minha cabeça e catava (CN53).</i>
4. Artigos de perfumaria (17)	<i>Alfazema (02), sabão de coco (01), Perfume em volta da cabeça (01), shampoo (02), creme (01), creme de massagem (01), Shampoo e condicionador (01), Lavar a cabeça (02).</i>	<i>Usava shampoo de piolho, álcool, vinagre, alfazema, fumo de rolo (CN34). Shampoo, pente fino (obs: shampoo para piolho) e passava perfume em volta da minha cabeça (CN14).</i>
5. Outros (11)	<i>Não lembra (03), Não responderam (04), vários produtos (02), tudo! (01), Queda de cabelo (01).</i>	<i>Não me lembro (CN16). Uns produtos que não sei o nome (CN59). Eles passaram um monte de produtos pra matar ele (CN19).</i>
6. Produtos tóxicos (03)	<i>Neocid (01), Baygon (01), Querosene (01)..</i>	<i>Fumo de rolo com álcool, vinagre, querosene, limão, escabim refequitino (CN89). Usou Escabim, não adiantou, botou neocid e não funcionou. Só funcionou quando tomei revectina (CN50).</i>
Total de 88 expressões e 06 categorias. Ultrapassa o número de participantes (72), uma vez que a análise se apresentou em uma abordagem qualitativa, considerando os critérios léxicos, ou seja, na mesma resposta foi possível extrair mais de uma categoria.		

Fonte: Elaboração da autora.

Na pergunta 5, elaborada de forma fechada, foram apresentados aos discentes variadas opções no intuito de identificar alguns costumeiros mitos em relação às formas de contágio por piolho.

Analisando os resultados obtidos nesta indagação, percebeu-se que entre outras terminologias científicas, os escolares desconheciam informações sobre as vias fômites (que são as possíveis vias de contaminação por meio de qualquer utensílio e ou objeto capaz de transportar o agente patogênico, o piolho), o que é pouco discutido nos livros didáticos.

Isto foi evidenciado em 65,73% das respostas que estavam associadas ao conhecimento das vias fômites, sendo expressos nas falas desses discentes investigados; são eles: o compartilhamento de artigos de uso pessoal (boné, pentes, escovas, presilhas, entre outros).

Constatou-se ainda que alguns mitos persistem entre os escolares, representando 34,27% nas respostas elucidadas, em que se destacam: a capacidade do piolho pular (quando este ectoparasito não possui nenhum aparato em sua estrutura física que lhe permita tal ação); a possibilidade do piolho voar (quando o piolho é classificado com aptéro, por não possuir asas); e, ainda, a associação da presença do piolho somente em “cabelos / cabeças sujas”, o que não procede porque ele não faz acepção de couro-cabeludo, independente de estar limpo ou sujo (QUADRO 3).

**Quadro 3 – Respostas obtidas na pergunta 05 do formulário Q1 –
Por qual das maneiras abaixo, você acha que se pega piolho?**

Respostas	%	Mito	Verdade	Observação
Utilizando o pente de outra pessoa (53)	21,37%		X	Quando o indivíduo estiver parasitado.
Sentando perto de alguém com piolho (48)	19,35%		X	Somente no contato cabeça- cabeça.
Ele pula de uma cabeça à outra (47)	18,95%	X		O piolho não possui nenhum aparato em sua estrutura física.
Utilizando o boné, chapéu ou outros adereços (39)	15,73%		X	Quando o indivíduo estiver parasitado.
Pelo vento (23)	9,27%		X	Dependendo da proximidade com alguém parasitado e a potência do vento em um ambiente fechado.
Ele voa (19)	7,66%	X		O piolho é aptéro (não possui asas).
Se não lavar a cabeça todos os dias (18)	7,26%	X		<i>O piolho não faz acepção de couro-cabeludo limpo ou sujo.</i>

Somente na época do verão (00)	0,00%	X		<i>O piolho não tem preferência por estação do ano.</i>
Total de 247 repostas. Ultrapassa o número de participantes (72), uma vez que nesta questão o discente poderia escolher mais de uma resposta.				

Fonte: Elaboração da autora.

Conhecer se os normalistas consideram a pediculose como doença foi proposto na questão 6. Na análise dos dados obtidos no Quadro 3, constatou-se que a minoria considera que “Ter piolho é estar doente” (9/72 - 12,50%), e a maioria, afirmou que “Ter piolho não caracteriza estar doente” (63/72 - 82,50%).

De certa forma, a resposta da maioria dos alunos procede, pois apresentar no couro cabeludo um ou alguns piolhos não caracteriza que o indivíduo está acometido pela doença pediculose; isto ocorre somente em caso de alta carga parasitária. Mas, sabe-se que se ao identificar a presença do piolho no couro cabeludo, se de imediato não forem tomadas as medidas de prevenção e combate, poderá desencadear uma patologia.

Porém, acredita-se que esta questão possa ter sido mal elaborada, induzindo aos discentes a uma resposta duvidosa. Pois, ao indagá-los sobre “*Ter piolho é estar doente?*” não ficou claro o questionamento. Talvez se tivesse sido perguntado se “*Ter piolho pode ocasionar doenças?*”, o resultado poderia ser o inverso.

Mesmo assim, 9 alunos afirmaram que ter piolho é estar doente, relacionando-se aos danos físicos ocasionados pelo *Pediculus*. Entre eles, o prurido no couro cabeludo (coceira), as feridas (geralmente ocorrem quando o indivíduo está com alta carga parasitária), propiciando a abertura de portas de entrada para bactérias oportunistas e anemia.

Na prática de cada etapa em sala de aula, a pesquisadora observou que na sua totalidade os normalistas desconheciam as terminologias científicas, como a pediculose, e não a identificavam como uma doença, alertando para a necessidade da inserção da alfabetização científica na prática do ensino, independentemente da disciplina.

Por meio das respostas obtidas, foi possível identificar outros dois mitos: a negação da existência da doença pediculose e que o piolho faz parte do desenvolvimento infantil.

Sobre a negação da doença pediculose por alta carga de infestação por piolho, esses normalistas consideraram que, para caracterizar uma pessoa doente, esta deveria

estar debilitada em estado grave, necessitando de ser hospitalizada e/ou em risco de morte.

Como o expressado na fala de um dos discentes: *“Porque não causa nenhum sintoma físico que agrave a ser levado ao hospital, ou a um médico (CN38)”*. Ou ainda, o conceito equivocado elucidado por outro normalista, que acredita que uma pessoa doente é aquela acometida por patologias oriundas de uma ação bacteriana, ou por doenças relacionada à herança genética, *“Por que não é contraído por bactéria é passado por hereditarismo (CN41).”*

Outra resposta que também chama a atenção, é o entendimento de um discente que acredita que a caracterização de uma doença, se dá somente nos casos em que ocorra risco de morte: *“Porque piolho as vezes é do sangue e nunca ouve dizer que alguém morreu com piolho (CN34).”*

Os 63 alunos que não associam o piolho à possibilidade de ficar doente expressam de maneira inconsciente uma forma de banalização do piolho, considerando-o como parte integrante da fase infantil. É como se, para ser considerada criança, necessariamente, este indivíduo teria que ter sido acometido por piolho durante sua infância, ou seja; criança sem piolho não é criança. Foi expresso nas falas dos normalistas: *“Porque isto é normal em uma certa idade (criança) - (CN39) e “É normal, toda criança já teve (CN52)”*.

Tal credence pode ser considerada como um mito entre os populares, favorecendo ainda a prevalência desta patologia no ambiente escolar, dificultando sua erradicação e, servindo como barreira à promoção da saúde escolar; conseqüentemente para saúde coletiva, pois não se confina na escola (QUADRO 4).

Quadro 4 - Categorias encontradas na pergunta 6 do formulário Q1 - Você acha que ter piolho é estar doente? () Sim () Não. Por quê?

Resposta	Quantidade de alunos	%
Sim	09	12,50%
Categorias encontradas / Quantidade de alunos	Por quê? (Respostas obtidas dos alunos)	Exemplos de respostas obtidas dos alunos
1. Pode causar doenças (09)	Causa feridas (02), causa coceira (01), causa machucados (01), anemia (01), suga o sangue (03), é um tipo de praga (01), prejudica a saúde (01), pode dar algo pior na cabeça (01), pode dar algo pior na cabeça (01), faz a pessoa ficar doente (01).	Dependendo da quantidade o piolho suga muito sangue e causa coceira e machucados e isso faz a pessoa ficar doente (CN01). Prejudica a saúde (CN35). Porque se não tratar pode dar algo pior na cabeça (CN22).

Resposta	Quantidade de alunos	%
<i>Não</i>	63	87,50%
Categorias encontradas / Quantidade de alunos	Por quê? (Respostas obtidas dos alunos)	Exemplos de respostas obtidas dos alunos
2. Banalização do piolho (21)	<i>é apenas um contra-tempo (01), é apenas um parasita (03), é normal (03), pode ser acaso (02), é só um bichinho (01), ele é uma praga (03), ele aparece (01), uma bactéria (01), ele simplesmente se acomoda (01), entre outros.</i>	<i>Porque é apenas um contra-tempo que tem fácil resolução (CN13). por que isto é normal em uma certa idade (criança) – (CN39). é normal, toda criança já teve (CN52). Porque toda pessoa pode adquirir esse parasita (CN49).</i>
3. Outros (16)	<i>não explicou (14), nunca ouvi falar (01), tipo sanguíneo (01)</i>	<i>Porque piolho as vezes é do sangue e nunca ouve dizer que alguém morreu com piolho (CN34). Porque eu nunca ouvi dizer que piolho e uma doença (CN69).</i>
4. Ausência de cuidado (13)	<i>é uma falta de cuidado (04), é só tomar cuidado (01), é descuido (02), com tratamento para de ter (01), tem como retirar do cabelo (01), é uma coisa de tratamento (01).</i>	<i>Porque piolho não é doença, e sim descuido (CN28). Porque é uma falta de cuidado ou seja higiene (CN13). Porque as pessoas que tem não se cuida para acabar (CN51).</i>
5. Não afeta a saúde (13)	<i>não afeta a saúde (07), sem risco de morte (03), pode ter uma vida normal (01), não te impede de sair (01), não chega a ser enfermidade (01), entre outros.</i>	<i>Porque e algo que não te impede de sair (CN15). Porque não chega a ser uma enfermidade (CN17). Porque não causa nenhum sintoma físico que agrave a ser levado ao hospital, ou a um médico (CN38).</i>
Total de 72 respostas. Emergendo 5 categorias encontradas. Entre elas destaca-se a “banalização do piolho”, a crendice de que o piolho faz parte do desenvolvimento infantil.		

Fonte: Elaboração da autora.

Sabe-se que a escola contemporânea cada vez mais requer diversificar as estratégias didáticas para tornar o ensino instigante e envolvente aos discentes.

Cabe, portanto, ao educador, a responsabilidade em refletir e adequar os métodos de ensino atuais à realidade da escola e à realidade de seus alunos.

Por isto, conhecer as estratégias didáticas pretendidas por esses discentes servirá como subsídio para a elaboração de outras atividades que contribuam para o desenvolvimento de suas competências e habilidades, corroborando para um repensar do exercício do futuro docente nas séries iniciais do ensino fundamental.

A partir da questão 10 foi possível extrair os dados constantes nas informações abaixo (QUADRO 5).

**Quadro 5 - Categorias encontradas na pergunta 10 do formulário Q1 –
Como você trabalharia este assunto nas classes iniciais do ensino fundamental?**

Categorias encontradas / Quantidade de alunos	Definições Encontradas (Respostas obtidas dos alunos)	Exemplos de respostas obtidas
1. Aula expositiva dialogada (65)	<i>conversando, conversas (05), dizendo (02), explicando, explicaria, explicar (13), Palestras (08), falando, falaria (02), figuras (03), vídeos ilustrativos (02), fotos (01), debate (01), ensinando autocuidado (01), ilustrações (02), textos (01), avisando que tem que lavar os cabelos (01), entre outros.</i>	<i>Conversando e dizendo as maneiras de tratar (CN33). Com conversas, palestras e etc (CN01). 1º Explicando o que é piolho cientificamente; 2º Os modos de prevenção; 3º Desvendar os mitos sobre este assunto (CN23). mostrando videos, dando palestras e explicando sobre ele (CN06).</i>
2. Atividades diversificadas (16)	<i>atividades (01), aula diferenciada (01), campanhas (03), dinâmica (03), especialista na sala de aula (02), pesquisas (01), projeto com as crianças (02), trabalhos (04).</i>	<i>Eu chamaria uma especialista para falar com os pais e responsáveis dos alunos (CN57). Faria uma dinâmica explicando como é esse bichinho, quem ele é, e ensiná-los a como previni-los. E lhes daria uma pequena noção do que ele causa (CN08). Trabalharia com projetos sobre o combate ao piolho dando espaço para eles falarem o que pensar sobre o piolho e se eles recebem orientação sobre isso em casa (CN14).</i>
3. Reunião com os responsáveis (10)	<i>Abordaria o assunto com os pais (01), conversando/ conversar com os pais (05), reunião com o responsável (02), palestra com os pais (01), informando aos responsáveis (01), fazendo reuniões (01).</i>	<i>Abordaria o assunto com os pais, e ainda montaria um momento para falar sobre com os alunos (CN07). Fazendo reuniões com os pais e conversando com os alunos em sala de aula (CN70).</i>
4. Atividades lúdicas (06)	<i>De forma lúdica (01), desenhos (01), historinhas (02), peça de teatro (01), peruca (01).</i>	<i>Demonstrando com uma peruca como se higieniza a própria cabeça (CN65). Trabalharia com as alunas através de desenhos e historinhas. E palestras com os pais (CN03). Usando fotos do bichinho, peças de teatro entre outros (CN42).</i>
5. Bilhete aos responsáveis (05)	<i>mandaria bilhetes (01), Avisar aos pais (02), distribuindo um aviso (01), mandaria recadinho (01).</i>	<i>No meu pensar, eu mandaria bilhetes avisando aos pais sobre o assunto ou iria fala nas reuniões (CN63). Mandaria recadinho para mãe vigiar a cabeça do filho. E alertaria os alunos, com trabalhos, palestras, campanhas ... (CN45).</i>

6. Outros (05)	<i>com perguntas e atividades (01), não respondeu (01), não sei (01), preconceito/preconceituosas ... (02).</i>	<i>Sem preconceito com os colegas que têm piolho (CN21). Não é meio complicado por que as pessoas são meios preconceituosas (CN19).</i>
Total de 107 elucidações e 06 categorias. Ultrapassa o número de participantes (72), uma vez que a análise se apresentou com abordagem qualitativa, considerando os critérios léxicos, ou seja, na mesma resposta foi possível extrair mais de uma categoria.		

Fonte: Elaboração da autora.

Com base nos dados obtidos, percebe-se que das 107 falas dos normalistas, 60,18% intencionam utilizar-se como recurso aula-expositiva dialogada, e somente 5,55% apostam na possibilidade da utilização da ferramenta lúdica, provavelmente por julgarem que lhes exigiria menor esforço.

Porém, não foi o objetivo desta pesquisa avaliar a eficácia das sugestões de estratégias didáticas pelos formandos, o que caberia outro tipo de intervenção em sala de aula para o desenvolvimento de tais habilidades.

2.3 Resultados e discussão dos dados obtidos no Jogo RPG Pediculose

Sabe-se que na prática educativa não existe um modelo único e eficaz. Quanto mais diversificadas as estratégias didáticas, maior será a possibilidade da promoção de um ensino com sentido.

Diante disto, na Oficina Pediculose foi inserida a ferramenta lúdica com o propósito de envolver e despertar o interesse dos normalistas pelo ensino proposto.

Acredita-se que desta maneira, estes formandos poderiam ser instruídos para sua futura prática profissional, tendo por primazia promover o desenvolvimento de suas habilidades e a criatividade pedagógica, mobilizando-os para uma prática reflexiva sobre sua futura docência.

O objetivo desta prática é para que se apropriem do entendimento de suas responsabilidades como docentes e como agentes sociais, e para que lhes apeteça intervir em suas próprias realidades (em prol da promoção do bem-estar escolar e coletivo).

Entende-se que, antes de qualquer intervenção, é de suma importância conhecer os saberes prévios destes alunos, na intenção de conhecer suas experiências na infância frente a esta problemática, a doença pediculose.

Para identificar os seus mitos, dúvidas e crenças em torno do piolho, pois desta maneira seria possível elaborar uma oficina-aula que propiciasse aos discentes sanar

conceitos equivocados em torno da doença pediculose, de modo a mobilizá-los ao combate desta doença na comunidade escolar e no seu círculo social.

Foi elaborado o formulário “jogo RPG Pediculose”, contendo 10 questões semiestruturadas, fechadas e abertas, distribuídas em 10 envelopes e que deveriam ser respondidas em grupo, por meio da dinâmica proposta com este jogo (APÊNDICE 4).

Nesta ação investigativa, foi possível obter os dados constantes no quadro abaixo (QUADRO 6).

**Quadro 6 – Respostas obtidas no Jogo RPG Pediculose.
Investigações dos saberes prévios de 72 normalistas sobre a doença Pediculose.**

Perguntas dos envelopes	Respostas Obtidas dos alunos / Categorias encontradas	Quantidade de alunos	%
Envelope 1 - Quando apareci no mundo dos humanos, qual a minha terra de origem?	<i>Africa</i> <i>Alemanha</i> <i>Egito</i>	15 00 57	20,83% 0,00% 79,17%
Envelope 2 - Pertencço ao Filo <i>Artrópode</i> da classe <i>Insecta</i> , ordem <i>Phthiraptera</i> e subordem <i>Anoplura</i> , corpo constituído em três partes: cabeça, tórax e abdomen. Gosto de me alimentar de sangue (hematófago), quem sou eu?	<i>Morcego</i> <i>Sanguessuga</i> <i>Pediculus</i>	06 00 66	8,33% 0,00% 91,67%
Envelope 3 - Tenho um nome de registro e um apelido popular, vocês conhecem quais são? Pistas A: Nome científico. Pista B – Nome popular	<i>Pediculus humanus capitis</i> <i>Pediculus humanus corpóris</i> <i>Phthirus pubis</i> <i>Chato</i> <i>Piolho</i> <i>Carrapato</i>	53 02 17 05 59 08	73,61% 2,78% 23,61% 6,94% 81,94% 11,11%
Envelope 4 - Aonde me refugio, qual é o meu <i>habitat</i> preferido?	<i>Animais domésticos</i> <i>Couro cabeludo</i> <i>Animais silvestres</i>	00 72 00	0,00% 100% 0,00%
Envelope 5 - Onde fica este esconderijo no couro cabeludo.	Em todos os cantos do couro... Na nuca + atrás da orelha	33 39	45,83% 54,17%
E por quê?	É um lugar mais quente Não responderam É um lugar escondido É um lugar sujo e abafado Ele anda em todas as partes da cabeça Aonde houver sangue Ele (o piolho) é frágil ... É um parasita que se locomove por toda cabeça Um lugar de difícil acesso	26 14 08 06 08 03 03 03 01	36,11% 19,44% 11,11% 8,33% 11,11% 4,17% 4,17% 4,17% 1,39%
Envelope 6 - Quais são os meus alvos preferidos?	<i>Humanos na fase adulta</i> <i>Somente as crianças</i> <i>Crianças na fase escolar + mulheres</i>	00 09 66	0,00% 12,00% 88,00%

Envelope 7 - Cite pelo menos duas formas de se pegar o piolho?	Mitos: Contato imediato com pessoa com piolho, proximidade, cabeça suja, sentar perto de alguém com piolho, pelo ar, manter o cabelo limpo, contato físico.	62	44,93%
	Vias fômites: Usar e compartilhar objetos pessoais como: pente, escova, travesseiro, boné, chapéu, toalha, entre outros.	55	39,85%
	Contato cabeça-cabeça: Cabelo solto, contato próximo ao couro cabeludo.	12	8,70%
	Combate ao piolho: Catando, remédios.	06	4,35%
	Banalização do piolho: Na fase escolar.	03	2,17%
Envelope 8 - Cite pelo menos duas formas de transmitir o piolho?	Vias fômites: Usar e compartilhar objetos pessoais como: pente, escova, travesseiro, boné, chapéu, toalha, ventilador, objetos infectados, entre outros.	69	48,59%
	Mitos: Contato imediato com pessoa com piolho, proximidade, cabeça suja, sentar perto de alguém com piolho, pelo ar, manter o cabelo limpo, contato físico.	63	44,37%
	Contato cabeça-cabeça: cabelo solto, contato próximo ao couro cabeludo.	07	4,93%
	Banalização: Na fase escolar.	03	2,11%
Envelope 9 - Quais são os primeiros sintomas que indicam a presença do piolho em meus alvos preferidos?	<i>Coceira</i>	72	80,00%
	<i>Feridas no couro cabeludo</i>	07	7,78%
	<i>Irritação</i>	06	6,67%
	<i>Lêndia</i>	05	5,56%
Envelope 10 - Você conhece alguma maneira (ação) de combate ao piolho? Qual (is)?	Ação medicamentosa: Scabin, medicamentos, produtos específicos, remédio, shampoos específicos, entre outros.	65	34,95%
	Ação mecânica: pente fino, pente fino de ferro, observação.	54	29,03%
	Receita caseira: Fubá, vinagre branco, vinagre.)	29	15,59%
	Mitos: Cuidados com o cabelo, limpeza freqüente, boa higiene pessoal, cabeça limpa, raspar a cabeça.	29	15,59%
	Produtos tóxicos: Neucid, Baygon = Produtos tóxicos (06)	06	3,23%
	Outros: Química (relaxamento, alisamentos), tratamento.	03	1,61%
O instrumento utilizado permitiu identificar mitos, crenças e experiências vivenciadas por estes normalistas na infância com o piolho. A quantidade total por envelope ultrapassa o valor total de discentes (72), porque adotou-se uma análise qualitativa, considerando os critérios léxicos, ou seja, em uma mesma resposta foi possível extrair mais de uma categoria.			

Fonte: Elaboração da autora.

2.4 Resultados e discussão dos Resultados obtidos no Jogo de Cartas Mitos versus Verdades sobre o piolho

Em relação ao “jogo de cartas Mitos *versus* Verdades sobre o piolho”, não foi criado nenhum formulário específico para mensurar os dados obtidos nesta atividade, pois o referido jogo apresentou-se como uma estratégia de ensino para a promoção de um diálogo descontraído entre a pesquisadora e os normalistas, possibilitando aos formandos expressarem o que sabem e elucidarem suas dúvidas e mitos.

2.5 Resultados e discussão dos dados obtidos no formulário Q2 (APÊNDICE 2)

Em atendimento ao objetivo específico B, foram coletados e analisados os dados obtidos no formulário Q2 (APÊNDICE 2), após a realização dos dois jogos educativos (“RPG Pediculose” e “Jogo de cartas Mitos *versus* Verdades sobre o piolho”), na intenção de se avaliar o parecer dos normalistas sobre estas propostas didáticas e principalmente conhecer se os mesmos, idealizam outras estratégias de ensino para a promoção da saúde escolar.

Seguem as cinco perguntas abaixo:

Pergunta 1 - Você gostou de participar dos jogos educativos?
() Sim () Não Por quê? _____ .

Pergunta 2 - Qual dos jogos educativos você curtiu?
() RPG () Cartas () Nenhum deles Por quê? _____ .
Obs.: Caso tenha gostado de ambos pode marcar as duas opções.

Pergunta 3 - Você acha importante adotar os jogos educativos como estratégia didática nas classes iniciais do ensino fundamental?
() Sim () Não Por quê? _____ .

Pergunta 4 - Você pretende aplicar um destes jogos em sua futura classe?
() Sim () Não Qual e por quê? _____ .

Pergunta 5 - Você teria mais alguma outra sugestão de jogo educativo, ou outra estratégia didática? () Sim () Não Qual? _____ .

Na primeira pergunta 68 alunos expressaram o contentamento em ter participado dos jogos educativos (68/72 - 94,44%) e, somente 4 não responderam esta questão (04/72 - 5,56%).

Ao serem indagados se gostaram dos jogos educativos, obteve-se as categorias descritas abaixo (QUADRO 7).

Quadro 7 - Categorias encontradas na pergunta 1 do formulário Q2 - Você gostou de participar dos jogos educativos?
() Sim () Não. Por quê? _____ .

Categorias encontradas / Quantidade de alunos	Definições Encontradas (Respostas obtidas dos alunos)	Exemplos de respostas obtidas dos alunos
1. Conhecimento (89)	Conhecimentos (13), aprendi (10), aprender (08), aprendemos (04), informações/informados (04), adquiri (01), adquirimos (01), tirei muitas dúvidas (01), ajuda/ ajudou ... (04), absorver (01), esclareceu (01), ensinou (01), ensina (01), foi bem educativo (01), trocamos experiências (01), entre outros.	<p>Porque nós aprendemos muito jogando, um jogo lúdico é a melhor forma de se aprender brincando (CN21).</p> <p>Porque nós adquirimos o conhecimento brincando (CN31).</p> <p>Porque trouxe um conhecimento mais amplo sobre o assunto tratado (CN49).</p> <p>Porque me ajudou a indentificar, mitos e verdades que até então eu não sabia (CN67).</p>
2. Capacitação (14)	Dentro da sala (01), bem criativas (01), desenvolver (01), foi uma forma diferenciada (01), habilidades (01), nossa criatividade (01), poderão ser utilizadas futuramente (01), sai da rotina (01), para uma futura classe (01), dinâmica (01), entre outros.	<p>É algo novo dentro da sala (CN22).</p> <p>Desenvolver nossa criatividade (CN24).</p> <p>Porque pude aprender com os jogos, pois proporcionaram novas descobertas (CN38).</p> <p>Porque foi uma forma diferenciada de absorver informação que poderão ser utilizadas futuramente (CN54).</p> <p>Porque nos dá mais ideias para uma futura classe (CN42).</p>
3. Diversão (11)	(...) uma forma divertida (02), achei divertido (01), nos divertimos (01), além de ser uma diversão (...) (01), e por uma maneira descontraída (01), foi muito bom (01), foi legal (02), e seria legal, eu achei legal (01), gosto (01).	<p>Por quê achei divertido (CN4).</p> <p>Porque foi uma forma divertida e dinâmica de se aprender mais sobre piolhos (CN8).</p> <p>Foi muito bom e foi mais uma forma de aprender (CN10).</p> <p>Por quê além de ser uma diversão foi uma aprendizagem também (CN14).</p> <p>Porque gosto de qualquer tipo de jogos (CN29).</p>
4. Interessante (08)	Achei muito interessante (01), (...) bastante interessante (02), foi interessante (01), (...) interessante (03), se torna mais interessante (01).	<p>Porque achei muito interessante, e descobrir algumas coisas que nem imaginava (CN7).</p> <p>Foi interessante, tive conhecimentos sobre o assunto (CN9).</p> <p>Interessante, eu fiquei sabendo de coisas que eu não sabia (CN63).</p> <p>Porque é bastante interessante (CN66).</p> <p>Porque foi interessante aprender apartir de brincadeiras (CN43).</p>
5. Unidade (05)	(...) interação dos grupos (01), demonstram parceria (01), interativo (01), (...) para uma relação de união para a turma (01), (...) por mim e por meus colegas (01).	<p>Demonstram parceria, raciocínio, habilidades, etc... (CN15).</p> <p>Porque foi bastante interessante a interação dos grupos (CN17).</p> <p>Pois contribuiu para uma relação de união para turma (CN32).</p> <p>Trouxe informações que até então, eram desconhecidas, por mim e por meus colegas (CN58).</p> <p>Interativo e conhecimento (CN72).</p>
6. Outros	Não responderam (04)	-

Total de 131 elucidações e 6 categorias. Ultrapassa o número de participantes (72), uma vez que a análise se apresentou com abordagem qualitativa, considerando os critérios léxicos, ou seja, na mesma resposta foi possível extrair mais de uma categoria.

Fonte: Elaboração da autora.

Na segunda pergunta, foi possível avaliar de quais jogos os discentes mais gostaram e, nesta questão o aluno poderia escolher mais de uma opção. Ressalta-se que não foi proposta deste estudo mensurar e avaliar a eficácia dos jogos, mas obter os pareceres desses discentes em relação à utilização da ferramenta lúdica adotada; por isto as respostas obtidas não foram categorizadas, apenas seguem abaixo as opções eleitas e as falas dos normalistas (QUADRO 8).

Quadro 8 – Respostas obtidas na pergunta 02 do formulário Q2 – Qual dos jogos educativos você curtiu? () RPG () Cartas () Nenhum deles. Por quê? _____.

Respostas obtidas	Quantidade de alunos	Exemplos de respostas obtidas
1. Ambos os jogos	33	<i>Por quê trocamos experiências e me diverti muito (CN4). Pois os dois foram bem educativos, e ajudaram bastante para aprender (CN11). Porque é uma forma lúdica de se aprender, saímos um pouco do cotidiano e aprendemos brincando (CN21). Porque jogos são dinamicos e prendem atenção e ensina brincando (CN36). Ambos trouxeram informações que não conhecia e tiraram grandes dúvidas (CN54).</i>
2. Jogo de cartas Mitos versus Verdades sobre o piolho	26	<i>Porque interagimos juntos para decidir e descobrir o que é verdade e o que não é (CN8). Nos ajudou a desvendar mitos que fomos ensinados como verdades desde pequenos (CN41). Foi interessante aprender esses mitos e verdade (CN43). O jogo de cartas dá muita informação sobre o piolho (CN27).</i>
3. Jogo RPG Pediculose	07	<i>porque me ajudou a conhecê-los (CN36). Achei interessante e também ampliou meu conhecimento sobre o assunto (CN32). Descobrimos que muitas coisas que acreditamos serem verdades, são mitos (CN58). Sou apaixonado por jogos de RPG (CN72).</i>
4. Nenhum dos jogos	06	<i>Porque foi muito cansativo (CN65).</i>
Total de 72 respostas. 45,83% (33 alunos) apreciaram ambos os jogos educativos, 36,11% (26) elegeram o jogo de cartas Mitos versus Verdades, 9,72% (07 alunos) consideraram o jogo RPG Pediculose mais interessante e 8,33% (06) afirmaram não ter gostado de nenhum deles.		

Fonte: Elaboração da autora.

Na terceira pergunta, objetivou-se conhecer se estes futuros docentes pretendem utilizar a ferramenta lúdica como estratégia didática. Seguem abaixo as respostas obtidas (QUADRO 9):

**Quadro 9 – Respostas obtidas na pergunta 03 do formulário Q2 -
Você acha importante adotar os jogos educativos como estratégia didática nas classes**

iniciais do ensino fundamental? () Sim () Não. Por quê?_____.

Respostas obtidas	Quant. alunos	Exemplos de respostas obtidas
1. Sim	71	<i>Porque os jogos educacionais ensinam as coisas de uma forma diferente, que atrai mais a atenção das crianças (CN8). Porque é de mais fácil entendimento e desperta o interesse em aprender (CN29%). É uma forma lúdica e interessante de se ensinar (CN31). as crianças gostam de jogos. É mais fácil para aprender (CN42). Por meio de jogos como esse, as crianças se divertem aprendem e brincam ao mesmo tempo (CN53).</i>
2. Não	01	<i>Não explicou (CN71).</i>
Total de 72 respostas. A maioria, 98,61% (71 alunos), considera importante a inserção da ferramenta lúdica como um recurso didático que facilita a promoção do ensino nas séries iniciais da educação fundamental. E apenas 1,39% (01 aluno) negou a importância, mas não explicou o motivo.		

Fonte: Elaboração da autora.

Na quarta pergunta em caráter investigativo, intencionou-se conhecer se esses discentes pretendem em sua futura classe aplicar um dos jogos educativos que foram aplicados na Oficina Pediculose.

Constatou-se que 60 alunos (60/72 – 83,33%) expressaram interesse em aplicar um dos jogos sugeridos nas séries iniciais do ensino fundamental, 9 normalistas (9/72 - 12,50%) afirmaram que não irão utilizar este recurso didático e 3 não responderam (03/72 – 4,17%).

Entre os discentes que não têm interesse em aplicar um dos jogos, 2 alunos não explicaram o motivo da recusa, 6 foram categóricos alegando que o motivo da não utilização deste recurso didático é porque, embora estejam cursando a formação profissional docente, não pretendem exercer a docência e 1 aluno justificou-se com a sua intenção de ser professor de educação física, e entende que, não será sua responsabilidade promover este tipo de ensino.

Este resultado traz à tona duas questões, a primeira em relação à prática da transdisciplinaridade, pois mediante as falas negativas, percebe-se que de modo geral o ensino concernente à temática saúde, ainda é entendido na comunidade escolar como prioridade e de responsabilidade do professor de Ciências Biológicas, quando na verdade deveria ser encarado como uma proposta de ensino possível de ser inserida em qualquer disciplina.

A segunda questão evidenciada está relacionada ao fato de que uma parte desses normalistas afirmou que não irá exercer a docência; não pretendem pôr em prática a instrução recebida em sua formação profissional, deixando claro, que buscam apenas a obtenção do diploma de conclusão do ensino médio (QUADRO 10).

Quadro 10 – Respostas obtidas na pergunta 4 do formulário Q2 – Você pretende aplicar um destes jogos em sua futura classe? () Sim () Não . Qual e por quê?

Respostas obtidas	Quantidade de alunos	Exemplos de respostas obtidas dos alunos
1. Sim	60	<i>Por quê as crianças irão aprender com os jogos como cuidar da cabeça (CN04). RPG. Porque ese jogo além de ensinar as curiosidades sobre o piolho, ele dá ideias de como se prevenir (CN28). O jogo de cartas, porque as crianças tomariam conhecimento desses parasitos e automaticamente passariam esse conhecimento para seus pais (CN49). Por que me ajudaria a trabalhar com eles com mais facilidade e acredito que ele ser interessaria mais (CN67). Os dois, porque eu achei muito interessante esse trabalho (CN70).</i>
2. Não	09	<i>Não explicaram (CN38 e CN64). Porque não seguirei na profissão (CN36). Porque não vou dar aula (CN59). Pois serei professor de Educação Física e não é minha responsabilidade ensinar isso (CN13). Porque eu não vou ser professor (CN46). Porque eu não pretendo dar aula (CN48). Porque não vou seguir a carreira (CN55). Aplicaria jogos similares (CN54).</i>
3. Outros	03	<i>Não responderam (CN44, CN62 e CN71).</i>
Total de 72 respostas. Por meio das respostas obtidas, a maioria, 83,33% (60 alunos), pretende utilizar um dos jogos educativos, 12,50% (09 alunos) negaram a possibilidade da utilização do recurso didático proposto e, 4,17% (03 alunos) não responderam.		

Fonte: Elaboração da autora.

Na última pergunta, objetivou-se identificar quais serão as estratégias didáticas adotadas pelos normalistas em sua futura classe. Por meio das respostas obtidas nesta questão, percebe-se que embora a maioria considere ser importante a inserção da ferramenta lúdica, ao serem indagados nesta etapa de formação profissional, ainda não conseguem elaborar suas estratégias didáticas.

Isto ressalta a importância de sua instrumentalização e capacitação a formação profissional, no intuito de subsidiá-los para o desenvolvimento de suas habilidades, criatividade e capacitação, mobilizando-os para o exercício de uma docência crítica e consciente (QUADRO 11).

Quadro 11 – Respostas obtidas na pergunta 5 do formulário Q2 - Você teria mais alguma outra sugestão de jogo educativo, ou outra estratégia didática? () Sim () Não. Qual? _____.

Respostas obtidas	Quantidade de alunos	Exemplos de respostas obtidas dos alunos
1. Sim	11	Não explicaram (CN26 e CN03). Video (CN06). Musicas (CN15). Leitura de livros (CN17). Utilizar uma caixa e dentro ter cartas e cada aluno retira uma carta, e após dar uma explicação através do que ele leu (CN25). Deixar que os alunos também tragam suas ideias e criem seus jogos (CN44). Jogos de memória, e até mesmo um questionário mas diferente (CN54). Um tipo de quebra-cabeças ou caça-palavras, que aborda-se assuntos estrategicamente falando (CN55). Jogo de memória (CN57). Jogos de um pergunta ao outro, mais antes do jogo ensinar a eles o que pediculus humanus capitis e como usa e fazer os metodos certos para trata-lo (CN63).
2. Não	60	Não explicaram (CN02, CN04, CN05, CN08, entre outros). Sem ideia (CN72). Não lembro (CN20).
3. Outros	01	Não respondeu (CN71)
Total de 72 respostas. Porém, apenas 11 normalistas sugeriram outros tipos de intervenções e estratégias didáticas (15,28%). Mas, a maioria afirmou que não conhece outra forma de abordagem (83,33%) e apenas 1 aluno não respondeu esta questão (1,39%), deixando clara, a urgente necessidade da mobilização dos discentes, ainda em sua formação profissional, para o estímulo da criatividade, o desenvolvimento de habilidades e competências, para subsidiar sua futura docência.		

Fonte: Elaboração da autora.

2.6 Resultados e discussão sobre os dados obtidos após a Oficina Pediculose (APÊNDICE 3)

Com base nos resultados do formulário Q3 (APÊNDICE 3), entende-se que a Oficina Pediculose se apresentou como uma estratégia didática promissora e que permitiu alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa.

Sabe-se, porém, que não existe uma estratégia didática autossuficiente e eficaz, e que o sucesso no processo ensino-aprendizagem ocorre por meio das tentativas das mais diversificadas metodologias.

Na verdade o cuidado que o educador e/ou pesquisador deve ter é atentar à prática de um senso crítico sobre as realidades do aluno e do ambiente escolar, allmejando adaptar-se a estas realidades e elaborando estratégias que lhe permitam romper barreiras e promover um ensino com sentido, independente da temática.

Na intenção de avaliar o aprendizado construído por parte dos discentes após a realização da Oficina Pediculose, aplicou-se o último formulário apresentando as questões abaixo:

Questão 1 - Classifique as afirmativas abaixo, identificando-as como: MITO (M) ou VERDADE (V).

- Piolho pula, salta e/ou voa
- Pega-se piolho sentando perto de alguém que esteja parasitado
- Pega-se piolho pelo vento
- Pega-se piolho utilizando o pente de uma pessoa infectada, ou compartilhando boné, chapéu ou outros adereços.
- Pega-se piolho somente na época do verão
- Piolho gosta de cabeça suja
- Se lavarmos a cabeça todos os dias, não adquirimos piolho
- Pessoas da classe social pobre têm mais piolho
- Pessoas da classe social rica não têm piolho
- Pessoas da raça negra não pegam piolho
- Pessoas da raça branca e parda pegam mais piolho
- Indivíduos do sexo masculino não pegam piolho
- Indivíduos do sexo feminino pegam mais piolho

Questão 2 - Correlacione à coluna A (nome científico) com a B (significado /nome vulgar):

Coluna A	Coluna B
<i>Pediculus humanus corporis</i> (1)	<input type="checkbox"/> piolho dos pelos pubianos (“chato”).
<i>Pediculus humanus capitis</i> (2)	<input type="checkbox"/> piolho do corpo (“muquirana”).
<i>Phthirus púbis</i> (3)	<input type="checkbox"/> piolho do couro cabeludo (“piolho”).

Questão 3 - Defina com suas palavras o que é *Pediculus humanus capitis*?

Questão 4 - Cite pelo menos duas maneiras eficientes ao combate do piolho?

Questão 5 - Descreva com suas palavras qual (is) benefício(s) você alcançou com esta pesquisa?

Questão 6 - Cite pelo menos uma maneira com que pretende aplicar em sua futura classe?

Na primeira questão, intencionou-se avaliar o aprendizado construído por parte dos discentes em relação aos mitos e verdades sobre a pediculose e, foram obtidos os dados abaixo (QUADRO 12).

Quadro 12 – Respostas obtidas na questão 1 do formulário Q3 - Classifique as Afirmativas abaixo, identificando-as como: MITO (M) ou VERDADE (V).

Perguntas	Mito	Verdade	Esclarecimentos
Piolho pula, salta e/ou voa?	60	12	É mito, pois o piolho não possui nenhum aparato em sua estrutura física. Ele é áptero não possui asas.
Pega-se piolhos sentando perto de alguém que esteja parasitado?	12	60	É mito, pois ocorre somente quando ocorrer o contato cabeça- cabeça.
Pega-se piolho pelo vento?	29	43	Dependendo da proximidade com alguém parasitado e da potência do vento em um ambiente fechado.
Pega-se piolho utilizando o pente de uma pessoa infectada, ou compartilhando boné, chapéu ou outros adereços?	00	72	É verdade. Isto ocorre quando o indivíduo está parasitado.
Pega-se piolho somente na época do verão?	71	01	É mito. O piolho não tem preferência por uma estação do ano.
Piolho gosta de cabeça suja?	53	19	É mito. O piolho não faz acepção de couro cabeludo limpo ou sujo.

Se lavarmos a cabeça todos os dias, não adquirimos piolho?	62	10	É mito. O piolho não faz acepção de couro cabeludo limpo ou sujo.
Pessoas da classe social pobre tem mais piolho?	38	34	É mito. O piolho não faz acepção de classe social, raça, gênero, etnia ou credo.
Pessoas da classe social rica não tem piolho?	71	01	
Pessoas da raça negra não pegam piolho?	72	00	
Pessoas da raça branca e parda pegam mais piolho?	69	03	
Indivíduos do sexo masculino não pegam piolho?	71	01	
Indivíduos do sexo feminino pegam mais piolho?	27	45	
Total de 936 respostas. Ultrapassa o número de participantes (72), uma vez que nesta questão cada discente respondeu 13 questões.			

Fonte: Elaboração da autora.

Desmitificar mitos entre os normalistas sobre a pediculose apresentou-se como a proposta central desta pesquisa. Ao analisar as respostas obtidas na primeira pergunta da questão 1 (QUADRO 12), percebe-se que a Oficina Pediculose a princípio, possibilitou uma mudança de entendimento entre os escolares, em relação a um dos mais antigos mitos sobre o piolho, pois a maioria dos normalistas (60/ 72 – 83,33%) afirmou ser *mito* que o piolho tem a capacidade de pular, saltar e/ou voar.

Costumeiramente entre os populares ainda, persiste ao longo dos anos a crendice de que o piolho possui essas habilidades. E somente 12/ 72 - 16,68%, ainda consideram que “*o piolho pula, salta e/ou voa*”.

Na verdade trata-se de um grande mito, pois este inseto é áptero, não possui asas para voar e não possui outro aparato que lhe permita saltar e/ou pular. Sugere-se ainda que se torne essencial que este mito seja banido entre os escolares e a população em geral, pois esta mitificação possibilita perpetuar a pediculose. Ao ser banalizada, a doença é entendida de maneira equivocada, a de que não há como evitar o contágio por piolho, inviabilizando portanto, a sua erradicação.

Já na segunda pergunta, “*Pega-se piolhos sentando perto de alguém que esteja parasitado?*”, ocorreu o inverso, pois a maioria dos alunos (60/ 72 – 83,33%) afirmou ser “*verdade*”. Acreditam que simplesmente pelo fato de sentar perto de um indivíduo parasitado possibilita-se a contaminação por piolho. E os demais discentes (12/ 72 – 16,68%), consideram ser “*mito*”.

Vale ressaltar que não é a proximidade com alguém parasitado por *P. h. capitis*, que propiciará que seja infestado por piolho. Mas, será possível o contágio, somente se ocorrer o contato cabeça-cabeça.

Em relação à terceira pergunta, “Pega-se piolho pelo vento?”, constatou-se que os discentes construíram novos saberes, pois este tipo de informação não lhes foi passada ao longo da formação escolar, não haviam sido informados sobre esta possibilidade. A maioria dos discentes (43/72 – 59,72%), disse ser “*verdade*”, e os demais (29/72 – 40,28%) ainda consideram ser “*mito*”.

É importante salientar, que esta possibilidade não é tão corriqueira, e dependerá da velocidade do vento sobre a cabeça dos indivíduos e da proximidade entre os pares em uma sala de aula, ou em outro ambiente fechado qualquer. Por isto, não deve ser desconsiderada.

Objetivou-se avaliar se, por meio das atividades didáticas realizadas nesta oficina, os normalistas entenderam quais são as possíveis vias fômites (vias de contágio), por meio da indagação da quarta pergunta: “*Pega-se piolho utilizando o pente de uma pessoa infectada, ou compartilhando boné, chapéu ou outros adereços?*”.

De forma satisfatória, todos os alunos afirmaram conhecê-las (72/72 – 100%), contribuindo para um início de uma reflexão crítica, que poderá promover na comunidade escolar uma conscientização sobre as formas de prevenção e combate ao piolho.

Outra mitificação, esta relacionada à questão da estação do ano, pois a maioria dos escolares, afirma que o piolho tem preferência pela estação verão; isto provavelmente se dá pela associação às altas temperaturas, o que para a crença popular, é favorável para a proliferação da pediculose.

Por meio dessa intervenção pedagógica, entende-se que este mito foi esclarecido, pois quase todos os alunos afirmaram ser mito (71/72 - 98,61%), e apenas 01 normalista ainda considerou como verdade (01/72 - 1,39%).

Ocorre que de fato o piolho não tem exclusividade por uma determinada estação do ano, mas busca apenas um *habitat* propício, no caso, um couro cabeludo da espécie humana (“limpo ou sujo”), escolhendo a princípio algumas regiões que possuam uma temperatura ideal e favorável para sua reprodução e multiplicação (na nuca e atrás das orelhas). Portanto, sua presença é perceptível ao longo de todo o ano.

Nas perguntas 6 e 7, “*Piolho gosta de cabeça suja?*” e “*Se lavarmos a cabeça todos os dias, não adquirimos piolho?*”, permitiu-se avaliar se os normalistas conseguiram desmitificar a ideia de que o piolho está associado à ausência e/ou à higiene inadequada do couro cabeludo.

Várias pesquisas ao longo dos anos em toda parte do mundo, apresentaram dados que apontam o entendimento de senso comum entre os populares, de que só tem piolho quem não lava, ou “cuida adequadamente” de sua cabeça e de seus fios capilares.

Após as atividades pedagógicas da Oficina Pediculose, na totalidade, os formandos expressaram a construção de um novo entendimento de que a referida associação é errônea, constatou-se por meio das respostas obtidas de 53 alunos que afirmaram ser “*mito*” que o piolho gosta somente de cabeça suja (53/72 – 73,61%) e, apenas 19 ainda afirmam ser “*verdade*” (19/72 – 26,39%).

Ainda, houve 62 normalistas que compreenderam ser “*mito*” acreditar que lavarmos a cabeça todo dia impede a infestação por piolho (62/72 – 86,11%), permanecendo apenas 10 alunos consideram ser “*verdade*” (10/72 – 13,89%).

Entende-se que mais essa desmifiticação, aponta ter sido produtiva a estratégia didática adotada, pois este novo saber estimula os normalistas a refletir sobre as condições e fatores que realmente favorecem o contágio, e na busca destes novos saberes, lhes permitiram se apropriarem de novos saberes que contribuam para a prevenção e combate desta doença.

Esses normalistas foram indagados sobre a questão da classe social (pobre *versus* rica), pois nos dias atuais, a população em geral, associa a condição econômica como condicionante para determinar qual indivíduo tem maior probabilidade de ser infestado por piolho.

De alguma forma, acredita-se que este conceito está relacionado ao mito anterior comentado, a questão da ausência e/ou higienização inadequada, pois devido a recursos financeiros entendem que pessoas da classe social menos favorecida (“pobre”) tendem a não adotarem hábitos de higienização inadequada.

Embora na pergunta 8 os normalistas ao serem indagados se as “*Pessoas da classe social pobre tem mais piolho?*”, percebe-se pelas respostas obtidas entre os escolares que surgiram dúvidas em relação a este questionamento, pois manteve-se este mito em quase a metade dos entrevistados. Evidenciou-se nas respostas dos 38 alunos que afirmaram ser “*mito*” (38/72 – 52,78%) e 34 normalistas, entendem como “*verdade*” (34/72 – 47,22%).

Mas ao serem questionados na pergunta 9, em relação à classe social mais favorecida (“rica”), evidenciou-se que a dúvida de que este mito tenha sido excluído em suas ideias, deva ser considerada, haja vista, que quase todos os normalistas (71/72 –

98,61%) expressaram ser “*mito*” a ideia errônea de que “*Pessoas da classe social rica não têm piolho?*” e somente 1 aluno entende ser “*verdade*” (01/72 – 1,39%).

Outra averiguação realizada na etapa pós-Oficina Pediculose, as respectivas perguntas 10 e 11; “*Pessoas da raça negra não pegam piolho?*” e “*Pessoas da raça branca e parda pegam mais piolho?*”, intencinou averiguar se mantiveram as crendices em torno da associação da raça (negra *versus* branca *versus* parda), como sendo ou não, a mais propícia ao contágio por *Pediculus*.

Na pergunta 10, os 72 normalistas foram unânimes (72/72 – 100%) em afirmar que o fato de ser da raça negra não impossibilita a infestação por piolho; portanto, caracteriza-se um “*mito*”. O que procede é que pessoas da raça negra podem apresentar a infestação por piolho em número reduzido, não associando à cor da pele, e sim, ao fato de que seus fios capilares, em alguns indivíduos desta raça, sejam mais espessos, dificultando o piolho (fêmea) depositar seus ovos (lêndeas) nestes fios capilares, mas não o impossibilitando de efetuar a deposição de seus ovos no couro cabeludo.

Ao serem questionados sobre a raça branca ou parda, na pergunta 11, foram extraídos os seguintes dados: 69 discentes consideraram ser “*mito*” (69/72 – 95,83%) e 3 assumem como “*verdade*” (03/72 – 4,17%). Retrata-se o indício de que tenha ocorrido a desmitificação da infestação por piolho decorrente da raça, pois na verdade o piolho não faz acepção de raça e/ou etnia.

Por fim, nas duas últimas indagações, por meio das respectivas perguntas 12 e 13, “*Indivíduos do sexo masculino não pegam piolho?*” e “*Indivíduos do sexo feminino pegam mais piolho?*”, buscou-se avaliar se ocorreu a desmitificação em torno da questão do gênero (masculino e feminino), em qual destes no senso comum persiste a ideia de serem mais propícios ao contágio por piolho.

Na pergunta 12 do formulário Q3, 71 alunos responderam, quase de forma unânime, ser “*mito*” que o gênero masculino não pega piolho (71/72 – 1,39%), e apenas 1 aluno ainda acredita ser “*verdade*” esta possibilidade (1/72– 1,39%); representando; portanto, a maioria dos formandos.

Mas, quando questionados em relação ao gênero feminino, 45 discentes enfatizaram ser “*verdade*” que as mulheres pegam mais piolhos (45/72 – 62,50%) e 27 afirmaram ser “*mito*” (27/72 – 37,50%).

Sabe-se que o parasito piolho também não faz acepção de gênero, apesar do fato de que o gênero masculino ter um número reduzido de infestação comparado ao gênero feminino frequentemente manifestar a infestação por *Pediculus*.

Isto se dá pela circunstância de que geralmente as mulheres, por possuírem cabelos longos, aumentam a área de contato, possibilitando pelo contato cabeça-cabeça e/ou pelas vias fômites que o ocorra o contágio e transmissão. Outra questão está relacionada à presença feminina nas relações sociais, quando são as mulheres as mais acolhedoras e cuidadoras das crianças e estas geralmente mantêm uma proximidade com estes indivíduos, por isto são mais susceptíveis ao contato com o piolho.

Da mesma maneira, caso o gênero masculino mantenha seus cabelos longos, poderá favorecer a infestação, mas geralmente, na cultura brasileira, o gênero masculino, na sua maioria mantêm seus cabelos curtos, reduzindo, portanto; a área de contato para o piolho.

Propiciar ao formando o contato com novos saberes é essencial, no formulário Q1 (APÊNDICE I), na segunda questão, foi possível diagnosticar que os normalistas na sua maioria desconheciam os termos científicos relacionados à pediculose.

Por isto, no formulário Q3, na segunda questão, intencionou-se identificar esses discentes se apropriam de novos saberes científicos, no que tange às terminologias científicas em torno da doença pediculose e seus respectivos parasitos (QUADRO 13).

Antes das intervenções, por meio das palestras foi possível identificar, que a maioria dos discentes desconheciam a terminologia científica do piolho do couro cabeludo (*P. h. capitis*) e sequer sabiam da existência dos outros tipos de *Pediculus*.

Ao serem ensinados sobre os demais tipos de pediculose que acometem o ser humano, espantaram-se ao ser informados sobre o piolho do corpo (*P. h. corporis*) e, principalmente o piolho dos pelos pubianos (*P. pubis*), que acometem a região das genitálias do ser humano, despertando o interesse pelo assunto.

Nesta segunda questão do formulário Q3, percebe-se que a Oficina Pediculose se apresentou como satisfatória no que tange a propiciar que estes alunos em sua formação profissional pudessem ter contato com as terminologias científicas, contribuindo desta forma para a alfabetização científica e favorecendo a construção de novos saberes.

Pelos resultados obtidos, ficou nítido que o assunto abordado despertou interesse e, possibilitou aos discentes adquirir novos saberes em torno da temática proposta (QUADRO 13).

Somente 7 alunos (07/72 – 9,72%) responderam equivocadamente que o *P. h. corporis*³ é popularmente conhecido como piolho do couro cabeludo (“piolho”) e o *P. h. capitis* é mais conhecido como piolho do corpo (“muquirana”).

E todos, sem exceção, aprenderam que o *P. pubis*⁴ é popularmente conhecido como o piolho dos pelos pubianos (“chato”).

Quadro 13 – Respostas obtidas na questão 02 do formulário Q3 – Correlacione à coluna A (nome científico) com a B (significado /nome vulgar): ...

Coluna A (O que é...)	Coluna B Respostas obtidas	Quantidade de alunos	%
<i>Pediculus humanus corporis</i>	Piolho dos pelos pubianos (chato)	00	0,00%
	Piolho do corpo (“muquirana”).	65	90,28%
	Piolho do couro cabeludo (“piolho”).	07	9,72%
<i>Pediculus humanus capitis</i>	Piolho dos pelos pubianos (chato)	00	0,00%
	Piolho do corpo (“muquirana”).	65	90,28%
	Piolho do couro cabeludo (“piolho”).	07	9,72%
<i>Phthirus pubis</i>	Piolho dos pelos pubianos (chato)	72	100%
	Piolho do corpo (“muquirana”).	00	0,00%
	Piolho do couro cabeludo (“piolho”).	00	0,00%

Fonte: Elaboração da autora.

³*P.h. corporis*: Abreviação do nome científico *Pediculus humanus corporis* (piolho do corpo), nome vulgar muquirana.

⁴*P. pubis*: Abreviação do nome científico *Phthirus pubis* (piolho dos pelos pubianos), nome vulgar chato.

Por meio da terceira questão, intencionou-se refazer uma indagação aos normalistas que foi efetuada no formulário Q1, para diagnosticar os saberes prévios destes alunos.

Ao serem solicitados a definir com suas palavras o que é *Pediculus humanus capitis*, foram obtidos os dados constantes no quadro 14.

Nota-se que estes discentes conseguiram dar novos significados em torno da temática pediculose. É possível alcançar este entendimento, pois em suas respostas apontaram em maior frequência o nome popular “piolho” ao nome científico (52/72 – 72,22%); o *habitat* deste parasito, “o couro cabeludo” (36/72 – 50,00%); o reconhecimento da doença pediculose e de seus riscos, embora alguns os tenham associado à morte, o que não ocorre com esta patologia que não é letal (18/72 – 25,00%); o reconhecimento de que o homem é o principal hospedeiro do *P. h. capitis* (12/72 – 16,67%); o tipo de alimentação do *Pediculus* “a hematofagia” e seus danos ao parasitado (07/72 – 9,72%) e, a afirmação de um dos alunos, de que *Pediculus humanus capitis* é o nome científico do piolho (01/72 – 1,39%).

Identifica-se, pelas respostas extraídas, uma generalização nas respostas, como por exemplo, as expressas na categoria “outras definições” (11/72 – 15,28%), que denotam o piolho como um ser vivo frágil: “*um bichinho, um bicho, pequeno bicho*”.

Nesta mesma categoria obteve-se uma resposta apontando os danos ocasionados pelo piolho, por meio das expressões: “*provoca incômodo; fazendo feridas; pode se procriar*”. Foi possível identificar também definições equivocadas como: “*um vírus, uma bactéria, piolho do corpo*”. E um aluno não respondeu esta questão.

Outra categoria que se destacou foi a “parasita” (10/72 – 13,89%). Segundo o dicionário Aurélio, “um parasita é aquele que come ou vive à custa alheia; Inútil, supérfluo; diz-se das plantas que nascem e se desenvolvem sobre outras plantas; diz-se do animal que, interior (entozoário) ou exteriormente (epizoário), vive à custa da substância de outro”.

Em relação ao piolho a definição correta é: “parasito”, que é um ser vivo menor que para sua sobrevivência depende de outro ser vivo. Classifica-se em: Endoparasito (vive dentro do corpo do hospedeiro); ectoparasito (vive externamente no hospedeiro; esta é classificação do piolho) e; hiperparasito (que parasita outro parasito). O piolho apresenta uma característica de um parasito monoxeno (aquele que possui apenas o hospedeiro definitivo), no caso; o ser humano (REY, 2002; NEVES, 2004).

Nota-se, portanto, que as terminologias científicas são desconhecidas pelos discentes, alertando para a necessidade de consulta aos livros didáticos e aos conteúdos abordados em sala de aula, e que sejam apresentadas e discutidas as terminologias científicas, visando instigar o interesse do aluno em relação aos conceitos científicos, propiciar o letramento científico e conseqüentemente, favorecer a alfabetização científica.

Obteve-se também outra categoria, que expressa uma resposta generalizada, nomeando o piolho com a expressão “praga” (05/72 – 6,94%); talvez seja uma forma de elucidar uma repulsa ao parasito, ou ainda de forma implícita considerar que esta doença é difícil e, avaliada no senso comum como inevitável na infância.

Entretanto, compreende-se que teriam que ocorrer outras intervenções para um melhor entendimento sobre o que estes discentes pretenderam esclarecer por meio desta nomeação.

De maneira geral, entende-se que de certa forma esses discentes conseguiram construir novos saberes sobre o piolho e os seus danos e principalmente, reconheceram a presença do piolho considerado como doença (pediculose).

Como nenhuma doença é benéfica, é necessário que esses discentes sejam mobilizados a refletir sobre as medidas de prevenção e combate ao piolho na infância, desmitificando a ideia de que este ectoparasito faz parte do desenvolvimento infantil.

QUADRO 14 – Categorias obtidas das respostas da questão 3 do formulário Q3 – Defina com suas palavras o que é *Pediculus humanus capitis*?

Categorias encontradas / Quantidade de alunos	Definições encontradas	Exemplos de respostas obtidas
1. Nome popular (52)	São piolhos (04), é um piolho (15), piolho (24), conhecido como piolho (07), famoso piolho (01), popular piolho (01).	<i>Pediculus humanus capitis é um piolho, parasita que fica no cabelo (CN34). É piolho do couro cabeludo (CN67). É o famoso piolho (CN55).</i>
2. Couro cabeludo (36)	Couro cabeludo (28), cabeça (08).	<i>É onde que o piolho pode se procriar (CN26). É piolho do couro cabeludo (CN28). É o piolho da cabeça das pessoas (CN56).</i>
3. Doença / morte (18)	Doença (15), morte (03), falecer (01), problemas piores (01).	<i>É uma doença que aloja no couro cabeludo e se alastra muito rápido (CN36). É o popular piolho, que se não for tratado pode ocasionar feridas e levar à morte (CN58). É uma doença que se alastra na cabeça das pessoas, mas se não cuidada pode gerar problemas piores ou até levar a pessoa a falecer (CN60).</i>
4. Hospedeiro (12)	Humano (03), pessoas (05), que se aloja (03), gosta de se alojar (01).	<i>Pé, humano, cabelo ou couro cabeludo (CN5). É um hospedeiro do couro cabeludo (CN43). É o piolho da cabeça das pessoas (CN56).</i>
5. Outras definições (11)	Um bichinho (01), um bicho (01), um pequeno bicho (01), bactéria (01), provoca incomodo (01), bicho nojento (01), fazendo feridas (01), um vírus (01), pode se procriar (01), não respondeu (01), piolho do corpo.	<i>Um vírus, que pode causar doenças (CN6). É um tipo de bactéria que se chama ou é conhecido como "piolho", é um tipo de parasita que anda na cabeça (CN53). Piolho é um bicho nojento que fica na cabeça do povo (CN59).</i>
6. Parasita (10)	Parasita (10)	<i>É um parasita que gosta de se alojar no couro cabeludo, para sugar sangue mais conhecido como piolho (CN25). Um parasita que começa com o ovo, depois quando está em fase de crescimento costuma em ficar nos locais quentes da cabeça, libera uma substância que abre feridas no couro cabeludo, e em seguida quando alcança a fase adulta, se prolifera (CN62). Um parasita (CN72).</i>
7. Hematófago (07)	se alimenta de sangue (02), sugar sangue (02), suga o sangue (02), sugando sangue (01).	<i>É um parasita que vive no couro cabeludo humano e se alimenta de sangue (CN01). É um bichinho que sobrevive sugando sangue na cabeça das pessoas (CN51).</i>

		<i>São piolhos que gostam de ficar na cabeça das pessoas para sugar sangue (CN61).</i>
8. Praga (05)	É uma praga (05)	<i>É uma praga que se hospeda no couro cabeludo dos humanos (CN35). É uma praga, conhecida popularmente como piolho (CN32). É uma praga, que transmite doenças (CN57).</i>
9. Nome científico (02)	Nome científico (01), nome de origem (01).	<i>Nome científico do piolho (CN45). É o nome de origem do piolho (CN70).</i>
Total de 153 respostas e 9 categorias. Ultrapassa o número de participantes (72), uma vez que a análise se apresentou em uma abordagem qualitativa, considerando os critérios léxicos, ou seja, na mesma resposta foi possível extrair mais de uma categoria.		

Fonte: Elaboração da autora.

Intencionou-se identificar na quarta pergunta do formulário Q3 se os normalistas conseguiram aprender sobre as formas de combate ao piolho (QUADRO 15).

Foi possível identificar 6 categorias: ação mecânica, como a utilização do pente fino que já se comprovou que é o melhor método de combate e prevenção ao piolho (66/72 – 91,67%); ação medicamentosa, destacando-se a utilização de veneno contra o piolho, mas que os alunos chamam de remédios contra piolho (43/72 – 59,72%); persistem alguns mitos, mesmo após as intervenções com a oficina proposta, e dentre eles destaca-se a associação da higiene capilar se apresentando como fator determinante para a presença ou ausência do piolho (20/72 – 27,78%); ação educativa, destacando-se a compreensão sobre as vias fômites, principalmente evitar o compartilhamento de objetos pessoais e ainda, a importância da higienização de pentes e escovas para evitar o contágio por *Pediculus* (08/72 – 11,11%); receitas caseiras, que em algumas respostas elucidam mitos que ainda persistem e também, expressam suas próprias experiências quando crianças (07/72 – 9,72%); química no cabelo (07/72 – 9,72%), o que nos dias atuais cada vez é mais utilizada principalmente pelo gênero feminino em busca de uma realização pessoal, em “plena era do modismo do cabelo alisado”.

Costumeiramente, os fios capilares são submetidos aos processos frequentes de alisamento, fora as tinturas, muito utilizadas pelas brasileiras, e que podem servir como barreiras ao piolho, mas não garantem a imunização a este parasito, podendo ainda, em uso abusivo e excessivo, ocasionar danos ao couro cabeludo, mas este não foi o foco do presente estudo.

Quadro 15 – Respostas obtidas da questão 4 do formulário Q3 – Cite pelo menos duas maneiras eficientes ao combate do piolho?

Categorias obtidas / Quantidades de alunos	Definições encontradas	Exemplos de respostas obtidas
1. Ação mecânica (66)	Pente fino (48), catação (11), passar química no cabelo (07).	<i>Passar químicas no cabelo e tomar remédios específicos anti-piolhos (CN08). Catação e pente fino (CN32). Pente fino e fazer regularmente uma inspeção no cabelo de dois em dois dias (CN36).</i>
2. Ação medicamentosa (43)	Remédios (39), xampoo anti-piolho (03), piolhícida (01), Escabin (01).	<i>Medicamentos e a utilização frequente do pente fino (CN45). Comprimidos e remédios (xaropes) – (CN50). Pente fino e Escabin (CN56).</i>
3. Mitos (20)	lavar a cabeça (08), higiene (04), shampoo (03), limpando a cabeça (01), , limpeza (04), limpar (02), cabelo limpo (02), hidratação (01), entre outros.	<i>Limpeza capilar diária e uso de remédios para combate do piolho (CN09). Limpando, e verificando os cabelos todos os dias (CN31). Ter uma boa higiene. Evitar ter contato com cabelos infectados (CN48).</i>
4. Ação educativa (08)	Pentes e presilhas (01), não compartilhar utensílios (01), evitar usar pente , chapéu, boné (02), evitar ter contato com cabelo infectado (01), entre outros.	<i>Não compartilhar objetos capilares e se tratar com remédio, pente fino, e outros (CN01). Ter higiene com os pentes e presilhas (CN12). Evitar o uso de compartilhamento de objetos pessoais, usar pente fino, sempre lavar os cabelos (CN53).</i>
5. Receitas caseiras (07)	Vinagre (04), álcool (01), fumo de rolo com álcool (01), métodos caseiros (01).	<i>Pente fino, lavar sempre a cabeça utilizando shampoo, ou vinagre (CN38). Pente fino e métodos caseiros (CN52). Pente fino e fumo de rolo com álcool (CN57).</i>
6. Químicas no cabelo (07)	Utilizando químicas (03), química (02), passar químicas (02).	<i>Passar químicas no cabelo e tomar remédios específicos anti-piolhos (CN8). Utilizar químicas (alisamentos, tinturas e etc), e não compartilhando chapéu, pente etc., com alguém que esteja infectado (CN20). Química, remédios e tratamento diário (CN35).</i>
Total de 151 expressões e 6 categorias. Ultrapassa o número de participantes (72), uma vez que a análise se apresentou em uma abordagem qualitativa, considerando os critérios léxicos, ou seja, na mesma resposta foi possível extrair mais de uma categoria.		

Fonte: Elaboração da autora.

Para a promoção de um ensino com sentido e produtivo, considera-se que seja de suma importância conhecer a opinião de todos os discentes envolvidos na Oficina Pediculose.

E na quinta questão do formulário Q3, buscou-se identificar se este ensino se apresentou como uma proposta benéfica aos normalistas (QUADRO 16).

Em suas expressões, a maioria (47/72 – 65,28%) afirmou que foi possível aprender sobre o piolho de maneira diferenciada, lhes permitindo adquirir novos conhecimentos sobre o piolho; alguns enfatizaram que esta proposta didática lhes permitiu desmitificar mitos (20/72 – 27,78%); ressaltaram a importância da construção de novos saberes sobre a doença pediculose para a promoção da prevenção (13/72 – 18,05%); afirmaram que tal intervenção lhes permitiu desenvolver suas habilidades (08/72 – 11,11%) e, elucidaram a importância da construção de novos saberes para a promoção das medidas de combate ao piolho na comunidade escolar (07/72 – 9,72%).

Pelas respostas obtidas, acredita-se que a estratégia didática proposta propiciou uma mobilização do discente a uma reflexão sobre a problemática pediculose, que possivelmente tem sido e será enfrentada em sua vida profissional e vínculo social.

**Quadro 16 – Respostas obtidas da questão 5 do formulário Q3 –
Descreva com suas palavras qual (is) benefício(s) você alcançou com esta pesquisa?**

Categorias encontradas / Quantidade de alunos	%	Exemplos de respostas obtidas dos alunos
1. Adquirir novos conhecimentos (47)	65,28%	O conhecimento como lidar com este parasita e o quanto ele é prejudicial a saúde do ser humano (CN15). Eu aprendi mas coisas sobre o piolho e fiquei bem alerta com o que ele é capaz de fazer (CN12). Conhecimento sobre como combater o piolho; nome científico e as diversas formas de adquirimos os piolhos (CN71).
2. Desmitificou mitos (20)	27,78%	Descobri novas formas de prevenção, descobri verdades e mito sobre o piolho (CN46). Adquiri grandes conhecimentos e pude aprender a diferenciar alguns mitos e verdades sobre o Pediculus (CN49). Eu pude absorver informações que até então eu não tinha. Eu pude aprender sobre os mitos que existi muito hoje em dia (CN67). Descobri que piolho pode surgir a qualquer momento, que muito do que eu pensava ser verdade era mito (CN8).
3. Prevenção (13)	18,05%	Passei a conhecer um pouco mais sobre o piolho e também conheci novas formas de prevenção (CN32). Pude aprender mais, adquirir novas técnicas de prevenção que serão utilizadas futuramente (CN65). Relembrei algumas prevenções e fatos do piolho (CN13).
4. Desenvolver habilidades (08)	11,11%	Eu pude aprender como agir em uma sala de aula sobre esse assunto e também jogos educativos para utilizar com os alunos (CN43). As crianças aprendem com jogos. E eu também aprendi brincando (CN39). Conhecimento. E ideias de como abordar o assunto com minha futura classe (CN35). Aprendi dicas, métodos e atividades para que trabalhe e alerte meus alunos e conhecidos (CN44).
5. Combater o piolho (07)		Aprender o quanto é importante sabermos sobre o piolho, como combater, prevenir, etc. (CN60)

	9,72%	Descobri novos meios de combate, como ensinar as crianças a cuidar e ensinar aos seus pais a cuidar (CN36). Conseguí aprender mais sobre como o piolho age, as formas de contágio e combate (CN50). Conheci mais sobre o parasita e descobri novas formas de combatê-lo (CN22).
Total de 151 expressões e 5 categorias. Ultrapassa o número de participantes (72), uma vez que a análise se apresentou em uma abordagem qualitativa, considerando os critérios léxicos, ou seja, na mesma resposta foi possível extrair mais de uma categoria.		

Fonte: Elaboração da autora.

Na sexta e última questão do formulário Q3, por meio das respostas obtidas foi possível conhecer algumas das maneiras idealizadas por esses discentes em sua futura prática docente nas séries iniciais do ensino fundamental (QUADRO 17).

É uma maneira de mobilizá-los à criticidade e à reflexão sobre o importante e influenciador papel da docência, pois os docentes na verdade podem se tornar agentes transformadores das suas realidades, contribuindo e praticando a cidadania, dentro e fora da sala de aula.

Destaca-se a ferramenta lúdica (40/72 – 55,56%), que sem sombra de dúvida é um instrumento didático viável e indicado para aplicação na educação, pois estes futuros docentes na Oficina Pediculose vivenciaram esta possibilidade, de aprender de forma descontraída, aprender brincando. Nas séries iniciais do ensino fundamental se torna pertinente e interessante envolver as crianças com a temática por meio das brincadeiras e atividades lúdicas.

Apresenta-se também, como sugestão as palestras (26/70 – 36,11%), que embora não expliquem como serão realizadas e qual o público-alvo (as crianças, os pais, os funcionários da escola, dentre outros), denotam a ideia da conscientização da importância de se multiplicar os saberes construídos em torno da temática para outras pessoas.

Algumas respostas sugerem ações diversificadas como: atividades, dinâmicas, projetos, pesquisas (12/72 – 16,67%), expressando o aceite e a satisfação de alguns alunos, que participaram desta Oficina Pediculose, que identificaram esta sugestão didática como uma possível proposta pedagógica, e passível de ser replicada e vivenciada novamente, pondo-a em prática em suas futuras salas de aula.

Enfatizaram ainda a importância da utilização do recurso visual (08/72-11,11%), que geralmente chama a atenção das pessoas, principalmente do público infantil, que aprecia e aprende com mais facilidade por meio de imagens.

Nota-se que alguns alunos entrevistados, mantêm a ideia tradicional de avisar aos pais por meio de bilhetes e/ou reunião (05/72 – 6,94%), o que continua se fazendo necessário e importante, mas não exemplificam como será elaborado o bilhete e como se daria a reunião com os responsáveis das crianças.

Vale ressaltar, que não houve tempo hábil para desvendar estas elaborações; foi possível apenas identificar algumas ideias iniciais desses discentes, caberia outro momento para o desvelamento dessas propostas sugeridas pelos alunos.

Por meio desta questão, emergiu uma categoria denominada “Outros” (05-72 / 6,94%), possibilitando identificar que alguns alunos, embora estejam cursando uma formação profissional para o exercício do magistério, 2 alunos se ausentaram na resposta, 2 afirmaram que não pretendiam exercer a docência e, 1 aluno afirmou que não idealiza nenhuma intervenção didática em torno da pediculose porque pretende ser professor de educação física.

Desta forma, é possível detectar que ainda persiste a ideia de que alguns assuntos são específicos de algumas áreas, o que vai contra a proposta curricular, como os parâmetros propostos nos PCN’s. Onde a pediculose se apresenta como um tema transversal respectivo do eixo “saúde”, e que poderia ser abordado em qualquer área do ensino.

Este tipo de pensamento do aluno citado, não difere do de outros profissionais da área da educação, que ainda fragmenta o ensino, ao invés de possibilitar a promoção da educação em saúde e de aproveitar as oportunidades.

É uma questão cultural, ressalta a importância da prática de um novo olhar à docência, que deveria inserir em sua prática profissional a associação de assuntos relacionados à comunidade escolar.

Sabe-se que isto só será possível se ocorrer uma reformulação na base educacional, da grade curricular do Curso Normal, inserindo temas pertinentes à realidade escolar, e que tenham sentido para os sujeitos envolvidos, permitindo ainda a prática de uma cidadania crítica e consciente, para transformação de realidades.

**Quadro 17 – Respostas obtidas da questão 6 do formulário Q3 –
Cite pelo menos uma maneira com que pretende aplicar em sua futura classe.**

Categorias encontradas / Quantidade de alunos	Definições encontradas (respostas obtidas dos alunos)	Exemplos de respostas obtidas
1. Ferramenta lúdica (40)	Brincadeiras (03), contando historinhas (02), jogo (01), jogo de cartas (09), jogo RPG (04), jogos	<i>Com jogos, brincadeiras. Porque assim eles aprenderão brincando (CN39). Com jogos educativos que abordem esse assunto de uma forma mais simples e</i>

	(11), jogos educativos (10), peças de teatro (01), pintura (01).	<i>informativa (CN52). Contando história sobre o tema (CN56).</i>
2. Palestras (26)	Falar sobre o assunto (22), palestras (04).	<i>Através de palestras para os pais e as demais alunos da sala de aula (CN38). Por meio de palestras, e dinâmicas mostrando tudo sobre isso (CN62). Ensinar as crianças como combater o piolho. Com jogos, palestras, etc. Assim as crianças iriam ter mais facilidade de prevenir o <i>Pediculus humanus capitis</i> (piolho) – (CN60).</i>
3. Ações diversificadas (12)	Atividades (01), dinâmicas (02), pesquisa (03), projetos (02).	<i>Por meio de projetos (CN09). Em dinâmicas, brincadeiras, etc... (CN26). Com pesquisas e amostras / ensinando como se pega e como combater (CN41).</i>
4. Recurso visual (08)	Cartazes (03), filmes (01), vídeo (01), imagens (01)	<i>Cartazes, vídeos (CN10). Com jogos e filmes (CN22). Uma das maneiras é uso de cartazes para esclarecer as verdades e mentiras do piolho (CN53).</i>
5. Avisar aos pais (05)	Repassem aos pais (02), Reunião com os pais (02), texto (01).	<i>Falando sobre higiene e trazendo os pais para a escola para esclarecer as suas dúvidas (CN03). Fazendo uma reunião de pais para conscientizá-los (CN17).</i>
6. Outros (05)	Não responderam (02), não seguirei na profissão (01), não vou ser professor (01), pretendo ser professor de educação física (01).	<i>Não pretendo ser professor alfabetizador. Pretendo ser professor de Ed. Física (CN13). Não aplicarei, pois não seguirei na profissão (CN36). Não vou ser professor (CN46).</i>
Total de 92 expressões e 06 categorias. Ultrapassa o número de participantes (72), uma vez que a análise se apresentou em uma abordagem qualitativa, considerando os critérios léxicos, ou seja, na mesma resposta foi possível extrair mais de uma categoria.		

Fonte: Elaboração da autora.

CAPÍTULO 3 - Considerações finais

Acredita-se que um ensino voltado às realidades do aluno poderá corroborar para que ocorra a construção de novos saberes, que estimulem mudanças na qualidade de vida dos indivíduos e favoreça ao processo ensino-aprendizagem.

É extremamente importante abordar na educação básica temas correlacionados à realidade dos sujeitos educativos no âmbito escolar, entre eles as questões voltadas à saúde escolar e coletiva.

Por isto, a Oficina Pediculose apresentou-se como uma sugestão de intervenção na formação inicial dos discentes do Curso Normal no ensino Médio, que em breve tornar-se-ão futuros docentes na educação básica, podendo tornar-se agentes sociais em prol da promoção da saúde escolar.

Sabe-se que esse futuro educador (o normalista) e os seus futuros educandos (as crianças da educação básica), poderão ser diretamente afetados pela patologia pediculose, que se manifesta geralmente em aglomerações de pessoas e aparecendo com facilidade nas crianças em fase escolar. Portanto, a abordagem da temática pediculose torna-se um ensino pertinente e com sentido aos escolares.

Espera-se ainda, que tal ação educativa associada às mais diversificadas estratégias didáticas, sirva como ponta pé inicial ao estímulo para dinamização de possibilidades à prática da educação em saúde em sala de aula, e que contribua para a promoção da saúde, não só no âmbito escolar, como também de um bem-estar coletivo.

O objetivo desta estratégia didática não foi apresentar-se como única, absoluta e completa. Também, não foi apenas disseminar informações pertinentes sobre o piolho, mas principalmente, intencionou-se intervir na formação inicial docente, orientando e alertando aos normalistas sobre a importância da prática de um olhar diferenciado e atento às crianças e às questões problemáticas que costumeiramente serão vivenciadas pelos mesmos no cotidiano escolar.

Procurando despertar os formando para uma possível conscientização de que a pediculose deve ser reconhecida como uma doença, e como qualquer outra patologia, deve ser prevenida e combatida, em virtude de todos os prejuízos que ocasiona na saúde física e psicológica das crianças, da comunidade escolar e do seu círculo social, já que não se confina à escola.

Vale ressaltar que, atualmente nos livros didáticos pouco se discute sobre as doenças que comprometem a aprendizagem da criança em idade escolar e as possíveis vias fômites de tais moléstias, principalmente a pediculose.

Justifica-se; portanto, cada vez mais, a necessidade do envolvimento do docente em seus planejamentos de aula, de forma crítica, para idealizar estratégias que respondam as atuais necessidades das crianças da educação básica, mesmo sabendo que tais intervenções didáticas por si só não serão a garantia da mudança ou do querer mudar o cenário atual.

Considera-se essencial que estes futuros professores tenham por hábito, a prática da reflexão sobre o seu papel profissional e, social dentro e fora da sala de aula, e de como podem tornar-se agentes transformadores sociais.

Diante do exposto, acredita-se que este estudo deveria ser mais investigado no que tange às possíveis práticas da educação em saúde no Curso Normal em prol ao

combate das doenças que costumeiramente acometem o público infantil inserido na comunidade escolar.

Corroborando também, para a urgente necessidade da prática de um olhar atento ao discente em sua formação profissional, de modo a elaborar possibilidades de incentivá-los e mobilizá-los para que se interessem por desenvolver suas habilidades, criatividade e capacidades, em relação à sua futura prática docente na educação básica.

Na tentativa de instigá-los e despertá-los para que busquem a discussão e ensinem temas vinculados ao cotidiano escolar e prontifiquem em mudar suas realidades, por meio da idealização de estratégias didáticas cabíveis e exequíveis em sala de aula, em prol da promoção da educação em saúde no ensino fundamental.

Incentivá-los ainda, a uma reflexão de como serão suas futuras interferências junto às crianças e/ou responsáveis legais no combate de doenças relacionadas ao cotidiano escolar, dentre elas a pediculose.

Como por exemplo, a maneira e os recursos que pretendem utilizar como estratégia didática para promoção da saúde escolar nas séries iniciais do ensino fundamental.

Enfim, faz-se necessário despertar nos discentes ainda em sua formação profissional, o “querer aprender e ensinar”, e dinamizar possibilidades para a prática da educação em saúde em sala de aula, em prol da conscientização sobre a importância de se combater as doenças que comumente acometem as crianças em fase escolar.

Entende-se que, a responsabilidade de interferir na realidade escolar não é exclusiva do docente, ele não será o “salvador da pátria”. Mas cabe a cada profissional do ensino, refletir sobre sua importância no contexto escolar e como pode agregar valor ao processo ensino-aprendizagem.

Sabe-se que outras intervenções deveriam ocorrer, entre elas destaca-se um revisitar a base educacional com todas as suas políticas educacionais. Faz-se mais do que urgente e necessário reavaliar a grade curricular na educação básica e no ensino superior, inserindo temas pertinentes à realidade da comunidade escolar, promovendo um ensino que atenda as reais necessidades de todos os sujeitos sociais envolvidos e, possibilitando ao docente desde a sua formação profissional, a obtenção de subsídios e apoio em sua atividade pedagógica em sala de aula.

Neste contexto, vale ressaltar a importância da criticidade e reflexão sobre a necessidade da “revisitação” das grades curriculares, no que tange a prática das

diretrizes e parâmetros dentro da sala de aula, o “como fazer” em sala de aula e quais os recursos didáticos disponíveis e exequíveis em sala de aula.

Um olhar atencioso e críticos aos materiais pedagógicos disponíveis ao ensino, em que os livros didáticos necessitam ser revisitados para que se alcancem as melhorias em relação aos conteúdos propostos para abordagem em sala de aula.

No que tange ao programa de saúde escolar, quais temas deveriam ser discutidos e apresentados nesses livros didáticos, a inserção de temáticas como a pediculose, enterobiose, dengue, entre outras.

Abordar as patologias que afetam diretamente a comunidade escolar com ou sem vínculo social; propiciar ao aluno a obtenção de conhecimento das terminologias científicas para a promoção da alfabetização científica, aprender sobre determinada patologia segundo o conhecimento científico e não de forma mecânica (“decoreba”); inserir na abordagem de doenças, as vias fômites de maneira mais clara, permitindo que o aluno faça uma reflexão sobre sua realidade e identifique ações que favoreçam ao contágio de determinadas doenças que são adquiridas devido a hábitos de higiene pessoal e/ou ambiental inadequados.

Disponibilizar aos docentes diversificadas estratégias didáticas, propiciando-lhes “sair do papel”; instrumentalizar os profissionais de ensino, apresentando-lhe o caminho do como fazer, como pôr em prática a teoria aprendida, como vivenciar os parâmetros sugeridos ao ensino em sala de aula.

Como sugestão, acredita-se que a oferta de oficinas pela Secretaria de Educação, aos docentes e discentes, voltadas à promoção da saúde escolar e conseqüentemente à saúde coletiva, às intuições das redes de ensino estadual e municipal no estado do Rio de Janeiro, estimularia a prática de um olhar atencioso e crítico à saúde da comunidade escolar, possibilitando desta forma transformar realidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO A.; L. F. FERREIRA, N.; GUIDON, N. M. S.; FREIRE, K. J.; REINHARD & K. DITTMAR 2000. Ten thousand years of head lice infection. **Parasitology Today**, 16(7): 269.

AMARAL, R. R. **O uso pedagógico do RPG para o ensino de Física**. Dissertação (mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade Federal Rural do Pernambuco. Recife, 2008. Disponível em < <http://pt.scribd.com/doc/32088015/USO-DO-RPG-PEDAGOGICO-PARA-O-ENSINO-DE-FISICA-Ricardo-Ribeiro-do-Amaral-2008> > Acesso em 04 ago. 2015.

- AMORIM, S. & FERRONATO, C. O processo de profissionalização docente e a criação da Escola Normal em Sergipe (1827-1879). **Educar em Revista**, Brasil, n.49, p.209-225, jul./set.2013. Editora UFPR.
- BARBOSA, J.V.; PINTO, Z.T.; DOS SANTOS, G.C. & TELLES, S.S.A, 1998. Estudo da Pediculose no Estado do Rio de Janeiro. **I Bienal de Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz**. p. 200.
- BARBOSA, J.V. & PINTO, Z.T., 2003. Pediculose no Brasil. In: **II Encuentro Nacional de Entomología Médica y Veterinaria**. Universidade Gama Filho. Disponível em <<http://web.ugf.br/editora>>. Entomol. Vect. ISSN 0328-0381. 10 (4): 579-586, 2003. 579- 586 pp.
- BARCA, I. Aula-oficina: do Projeto à Avaliação. In. BARCA, I. (Org.) Para uma educação de qualidade: **Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: L. A. Reto, A. Pinheiro, 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORGES, R.; MENDES, J. **Epidemiological aspects of head lice in children attending day care centers, urban and rural schools in Uberlandia**, central Brazil. Mem. Inst. Oswaldo Cruz, v.2, n.97, p. 189-192, 2002.
- BURGESS, I. F.; BROWN, C. M.; PEOCK, S. & KAUFMAN, J. (1995). Head lice resistant to pyrethroid insecticides in Britain. **BMJ:British Medical Journal**, 311(7007), 752.
- BURKHART, C.N. 2003. Fomite transmission with head lice: a continuing controversy. **Lancet** 361 (11):99-100.
- BURKHART, C.N; BURKART, C.G. – Odds and ends of head lice: characteristics, risk of fomite transmission, and treatment. **J. Clin. Dermatol.**, v.2, p.15-18, 1999.
- BRASIL. Lei Couto Ferraz. Decreto nº 133, de 17/02/1854. ”. In: **Coleção de Leis do Império do Brasil - 1854**, Página 45 Vol. 1 pt I (Publicação Original).
- CLDRPRJ, de 1835 a 1888. Coleção de Leis e Decretos, atos e Deliberação do Governo da Província do Rio de Janeiro. Lei nº 10, de 4/04/1835. Dispõe sobre à organização do ensino normal e estabelece às normas de ingresso nesta modalidade de ensino no Rio de Janeiro.
- Coleção de Leis do Império do Brasil - 1881, Página 189 Vol. 1, pt2 (Publicação Original). Decreto nº 8.025, de 16/04/1881.
- CUNHA P.V.S.; PINTO Z.T.; LIBERAL E.F.; BARBOSA J.V. O discurso dos professores sobre a transmissão da pediculose antes de uma atividade educativa. **Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Humano** 2008; 18(3): 298-307.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1ª edição. São Paulo: Cortez, 2013. v.1, p.32,146.
- CHOSIDOW, O. 2000. Scabies and Pediculose. **Lancet**, vol.355 (9206): 819-826.
- FREIRE, P. Saberes necessárias à prática educativa. **Pedagogia da Autonomia**. 47ª edição. Editora Paz e Terra, 2013, p.31,47.

HEUKELBACH, J & FELDMEIERS, H. Ectoparasites – the underestimated realm. *The Lancet*, vol.363, p.889-891.2004

LINARDI, P.M. 2005. Anoplura. In: **Parasitologia Humana**. D.P. Neves, A.L. Melo, P.M. Linardi & R.W.A. Vitor (Orgs.). São Paulo: Atheneu. p.407-411.

LEAL, C. A. **Vamos Brincar de quê? Os jogos cooperativos no ensino de ciências**, 2013, 166 fl. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências). Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências (PROPEC), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis. Orientadora: Profa. Dra. Gisele Rôças. Rio de Janeiro, 2013. p.139. Disponível em: <http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/5402> Acesso em: 18/08/2015.

LEUNG, A.K.C.; FONG, J.H.S.; PINTO-ROJAS, A. Pediculosis capitis. **J. Pediatr. Health Care**, v.19, n. 6, p.369-373, 2005.

LEBWOHL, M; CLARK, L.; LEVITT, J. Therapy for head lice baseado n life cycle, resistance, and safety considerations. *Pediatrics* 2007; 119: 965-74.

MARTINS, A. M. S. Breves Reflexões sobre as primeiras Escolas Normais no contexto educacional brasileiro, no século XIX. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 173-182, set.2009 - ISSN: 1676-2584.

MEINKING, T.L. Clinical update on resistance and treatment of Pediculosis capitis. **Am J Maneg Care**, 2004; 10: 264-8.

MEINKING, T.; TAPLIN, D. Infestations. In: **Schachner LA, Hansen RC**, 3rd. Edition. Spain: Elsevier, 2003; 1.141-80.

MONSTER K.A. & KELLER L.O. A population - based approach to pediculosis management. **Public Health Nurs**. v.3, n.19, p.201-208, 2002.

MUMCUOGLU, K.Y.; MEINKING, T.A. & BURKHART, C.N. Head louse infestations: the “no nit” policy and its consequences. **Int. J. Dermatol.**, v.45, p.891-896, 2006.

NEVES, David P. **Parasitologia Humana**. 11. ed. São Paulo: Atheneu, 2004.

OLIVEIRA NETO, A. A E BENITE-RIBEIRO, S. – Um modelo de role-playing game (RPG) para o ensino dos processos da digestão. **Revista Eletrônica Itinerarius Reflectionis do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG**. ISSN: 1807-9342, v.2, n.13, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ritref/article/view/22340>>. Acesso em: 30 Out. 2014. 10.5216/rir.v2i13.22340.

PAVÃO, Andréa. A aventura da leitura e da escrita entre mestres de Roleplaying Game. 2ª. edição. São Paulo: Devir, 2000.

PORTARIA Nº 91. Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro/SUGEN, de 29 de março de 2010. Diário Oficial, de 5/04/2010. Disponível em: <http://www.educacao.rj.gov.br/arquivos/ensinonormal/EnsinoNormaPortaria_SEEDUC_n91_2010.pdf>. Acesso em: 26 de mai. de 2015.

PICOLLO, M. I.; VASSENA, C.V; MOUGABURE CUETO G.A; VERNETTI M. & ZERBA, E.N. Resistance to insecticides and effect of synergists on permethrin toxicity in *Pediculus capitis* (Anoplura: Pediculidae) from Buenos Aires. **J. Med. Entomol.**, v.37, p.721-25, 2001.

RAOULT D.; REED D.L.; DITTMAR K.; KIRCHMAN J.; ROLAIN J.M.; GUILLEN S & LIGHT J.E. Molecular identification of lice from pré-Columbian mummies. **J. Infect Dis** 2008; 197: 535-43.

REINHARD, K.J. & BUIKSTRA, J. **Louse infestation of the Chiribaya culture, southern Peru: variation in prevalence by age and sex.** Mem. Inst. Oswaldo Cruz, v.98, n.1, p.173-179, 2003.

REY, L. **Bases da Parasitologia Médica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

SILVA, B. C. F.; FERREIRA, J. S.; SANTOS, A. O. ; SANTOS, C. O.; SANTOS, É. P. & SANTOS, L. D. Jogo Educativo Cartas Básicas: Uma proposta lúdica para o ensino de Ácidos, Bases e Sais. **In: 34ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2011**, Florianópolis.

SPERANDIO, A. E. A. & ANUNCIACÃO, A. P. Aula-oficina: uma proposta de utilização de documentos históricos em sala de aula. **História & Ensino**, v. 18, p. 131-156, 2012.

UCC AROUCE. **Unidade de Cuidados na Comunidade Arouce.** Avaliação de Conhecimentos sobre Pediculose Avaliação de Conhecimentos dos Educadores de Infância e Professores do 1º e 2º Ciclo do EB UCC Arouce. Estudo efetuado no âmbito do Programa de Saúde Escolar da UCC Arouce. Autores do estudo: Equipe de Saúde Escolar. Enf. Amélia Lopes. Enf. Anabela Girão. p.1-47, Lousã 2011. Enf. Cristiano Gonçalves A, lousa. Disponível em: <http://uccarouce.weebly.com/uploads/8/1/8/5/8185926/avaliao_conhecimentos_pediculose_prof_educ.pdf> Acesso 05 Novembro de 2015.

VILLELA, H.O.S. **A primeira Escola Normal do Brasil: uma contribuição à história da formação de professores.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.

APÊNDICE 1



FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
Instituto Oswaldo Cruz
Especialização em Ensino em Biociências e Saúde

“Desmitificando a praga dos piolhos!!! - Percepções e orientações aos alunos-professores sobre o contágio, prevenção e combate a *Pediculus humanus capitis*”.

Colégio Estadual Alexander Graham Bell

Q1 – CONHECENDO AS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS-PROFESSORES SOBRE O PIOLHO

- 1) Você sabe o que é o Piolho? Defina com suas palavras
() Sim () Não

- 2) Quando você ouve a palavra piolho, qual a sensação e/ou sentimento que lhe vem na mente?

- 3) Você sabe o que é *Pediculus humanus capitis*?
() Sim () Não
- 4) Quando criança você já foi acometido de piolho?
() Sim () Não () Nunca () Não Lembro
Obs.: Se “sim”, o que sua mãe ou responsável utilizava para combater?
Procedimento: _____
- 5) Qual das maneiras abaixo, você acha que se pega piolho?
() Ele pula de uma cabeça à outra () Sentando perto de alguém que tenha piolho.
() Ele voa () Pelo vento
() Utilizando o pente de outra pessoa () Utilizando boné, chapéu ou outros adereços.
() Somente na época do verão () Se não lavar a cabeça todos os dias
() Outros _____
- 6) Você acha que ter piolho é estar doente?
() Sim () Não
Por quê? _____
- 7) Em sua vivência quando te explicaram sobre o piolho?
() Em sua casa com um parente () Com vizinhos
() No ensino fundamental () No ensino médio
- 8) Você conhece uma forma de combater ao piolho?
() Sim () Não
Exemplifique: _____
- 9) Você acha importante trabalhar esta temática nas classes do ensino fundamental?
() Sim () Não
Por quê? _____
- 10) Como você trabalharia este assunto nas classes iniciais do ensino fundamental?



APÊNDICE 2

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
Instituto Oswaldo Cruz
Especialização em Ensino em Biociências e Saúde

“Desmitificando a praga dos piolhos!!! - Percepções e orientações aos normalistas sobre o contágio, prevenção e combate a *Pediculus humanus capitis*”.

Colégio Estadual Alexander Graham Bell

Q2 – AVALIAÇÃO DOS JOGOS EDUCATIVOS

1) Você gostou de participar dos jogos educativos?

Sim Não

Por quê? _____

2) Qual dos jogos educacionais você curtiu?

RPG Cartas Nenhum deles

Obs.: Caso tenha gostado de ambos pode marcar as duas opções.

Por quê? _____

3) Você acha importante adotar os jogos educacionais como estratégia didática nas classes iniciais do ensino fundamental?

Sim Não

Por quê? _____

4) Você pretende aplicar um destes jogos em sua futura classe?

Sim Não

Qual e por quê? _____

5) Você teria mais alguma outra sugestão de jogo educacional ou outra estratégia didática?

Sim Não

Qual? _____



APÊNDICE 3

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
Instituto Oswaldo Cruz
Especialização em Ensino em Biociências e Saúde

“Desmitificando a praga dos piolhos!!! - Percepções e orientações aos normalistas sobre o contágio, prevenção e combate a *Pediculus humanus capitis*”.

Colégio Estadual Alexander Graham Bell

Q3 – AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM PÓS AULA-OFICINA.

- 1) Classifique as afirmativas abaixo, identificando-as como: MITO (M) ou VERDADE (V).
- () Piolho pula, salta e/ou voa
 - () Pega-se piolhos sentando perto de alguém que esteja parasitado
 - () Pega-se piolho pelo vento
 - () Pega-se piolho utilizando o pente de uma pessoa infectada, ou compartilhando boné, chapéu ou outros adereços.
 - () Pega-se piolho somente na época do verão
 - () Piolho gosta de cabeça suja
 - () Se lavarmos a cabeça todos os dias, não adquirimos piolho
 - () Pessoas da classe social pobre tem mais piolho
 - () Pessoas da classe social rica não tem piolho
 - () Pessoas da raça negra não pegam piolho
 - () Pessoas da raça branca e parda pegam mais piolho
 - () Indivíduos do sexo masculino não pega piolho
 - () Indivíduos do sexo feminino pega mais piolho

- 2) Correlacione a coluna A (nome científico) com a B (significado /nome vulgar):

Coluna A

Pediculus humanus corporis (1)

Pediculus humanus capitis (2)

Phthirus pubis (3)

Coluna B

() piolho dos pelos pubianos (“chato”).

() piolho do corpo (“muquirana”).

() piolho do couro cabeludo (“piolho”).

- 3) Defina com suas palavras o que é *Pediculus humanus capitis*?

- 4) Cite pelo menos duas maneiras eficientes ao combate do piolho?

- 5) Descreva com suas palavras qual (is) benefício(s) você alcançou com esta pesquisa?

- 6) Cite pelo menos uma maneira com que pretende aplicar em sua futura classe?



APÊNDICE 4 – Jogo RPG Pediculose

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
Instituto Oswaldo Cruz
Especialização em Ensino em Biociências e Saúde

“Desmitificando a praga dos piolhos!!! - Percepções e orientações aos normalistas sobre o contágio, prevenção e combate a *Pediculus humanus capitis*”.

Colégio Estadual Alexander Graham Bell

Duque de Caxias / RJ, ____ de _____ 2014.

Turma: _____ Turno: _____

JOGO RPG PEDICULOSE

Nome da Equipe:		
Personagens	Nome	Característica
Mestre		
Recruta 1 (R1)		
Recruta 2 (R2)		
Recruta 3 (R3)		
Recruta 4 (R4)		
Recruta 5 (R5)		
Recruta 6 (R6)		
Recruta 7 (R7)		
Recruta 8 (R8)		
Recruta 9 (R9)		
Opções características:		
Ansioso	Organizado	Otimista
Atencioso	Persistente	Paciente
Determinado	Audacioso	Irritado
Prevenido	Cauteloso	Pessimista

Missão:

Envelope 1 – Quando apareci no mundo dos humanos, qual a minha terra de origem?

Resposta do Mestre: _____.

Pontos Alcançados: _____.

Envelope 2 – Pertencço ao Filo Artrópode da classe Insecta, ordem Phthiraptera e subordem Anoplura, corpo constituído em três partes: cabeça, tórax e abdome. Gosto de me alimentar de sangue (hematófago), quem sou eu? - Pistas: Morcego, Sanguessuga, Pediculus.

Resposta do Recruta Ancioso: _____.

Pontos Alcançados: _____.

Envelope 3 – Tenho um nome de registro e um apelido popular, vocês conhecem quais são? Pistas A: Nome científico - *Pediculus h. capitis*, *Pediculus h. corpóreo* ou *Pediculus púbis*?)

Resposta do Recruta Organizado: _____.

Pontos Alcançados: _____.

Pistas B: Nome popular - chato, piolho ou carrapato. _____.

Resposta do Recruta Organizado: _____.

Pontos Alcançados: _____.

Envelope 4 – Aonde me refugio, qual é o meu habitat preferido?” - Pistas: animais domésticos, couro-cabeludo ou animais silvestres?

Resposta do Recruta Atencioso: _____.

Pontos Alcançados: _____.

Envelope 5 – Aonde fica este esconderijo no couro-cabeludo. Em todos os cantos do couro-cabeludo ou na nuca + atrás da orelha? E por quê?

Resposta do Recruta Organizado: _____.

Pontos Alcançados: _____.

Envelope 6 – Quais são os meus alvos preferidos? - Pistas: Humanos na fase adulta, somente as crianças ou mulheres + crianças na fase escolar.

Resposta do Recruta Persistente: _____.

Pontos Alcançados: _____.

Envelope 7 - Cite pelo menos duas formas de se pegar o piolho?

Resposta: _____.

Pontos Alcançados: _____.

Envelope 8 – Cite pelo menos duas formas de transmitir o piolho?.

Resposta: _____.

Pontos Alcançados: _____.

Envelope 9 – Quais são os primeiros sintomas que indiquem a presença do piolho em meus alvos preferidos?

Resposta: _____.

Pontos Alcançados: _____.

Envelope 10 – Você conhece alguma maneira (ação) de combate ao piolho? Qual (is)? –

Resposta: _____.

_____.

Pontos Alcançados: _____.

Total de pontos: _____.

APÊNDICE 5 – Jogo de Cartas Mitos versus Verdades sobre o piolho

<p>1) Piolho é uma doença?</p> 	<p>2) O piolho pula? O piolho voa? O piolho salta?</p> 				
<p>3) Piolho só gosta de cabelo (couro-cabeludo) sujo? Ele gosta de sujeira?</p> 	<p>4) Ter cabelo grande facilita pegar piolho?</p> 				
<p>5) Receitas caseiras (como por exemplo; vinagre com água, arruda no xampu, fumo de rolo, água + vinagre, entre outros), loção e xampu, comprimidos anti-piolhos, são 100% eficientes para matar piolho?</p> <p><i>Colocar um raminho de arruda destruído frasco de shampoo ajuda a acabar com o piolho e prevenir a reinfestação. Faça duas vezes por ano. Os piolhos não pegam mais piolho no cabelo. Não fica cheio.</i></p> 	<p>6) Pega-se piolho compartilhando, roupa de cama (lençóis e travesseiros), boné ou chapéu, presilhas ou elásticos, pentes ou celular de alguém que esteja infestado por este parasita?</p> 				
<p>7) O piolho só gosta de calor, prefere a época do Verão? Não gosta das outras estações do ano?</p> 	<p>8) Utilizar químicas (alisamentos, tinturas, prancha, relaxamento, entre outros) no cabelo ajuda a matar o piolho?</p> 				
<p>9) Na fase escolar, os pais devem cortar os cabelos das crianças para evitar o piolho?</p> 	<p>10) Piolho escolhe tipo de sanguíneo?</p> <table border="1"> <tr> <td data-bbox="885 1702 1117 1859"> <p>TIPO A</p> <p>ANTÍGENOS A</p> <p>Por ter anticorpos B, aceita sangue do tipo A e O</p> <p>ANTICORPOS B</p> </td> <td data-bbox="1117 1702 1364 1859"> <p>TIPO AB</p> <p>ANTÍGENOS A</p> <p>Por não ter anticorpos, aceita sangue de qualquer tipo</p> <p>ANTÍGENOS B</p> <p>ANTICORPOS B</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="885 1859 1117 2016"> <p>TIPO B</p> <p>ANTÍGENOS B</p> <p>Por ter anticorpos A, aceita sangue do tipo B e O</p> <p>ANTICORPOS A</p> </td> <td data-bbox="1117 1859 1364 2016"> <p>TIPO O</p> <p>ANTICORPOS A</p> <p>Por ter anticorpos A e B, apenas recebe doação do tipo O</p> <p>ANTICORPOS B</p> </td> </tr> </table>	<p>TIPO A</p> <p>ANTÍGENOS A</p> <p>Por ter anticorpos B, aceita sangue do tipo A e O</p> <p>ANTICORPOS B</p>	<p>TIPO AB</p> <p>ANTÍGENOS A</p> <p>Por não ter anticorpos, aceita sangue de qualquer tipo</p> <p>ANTÍGENOS B</p> <p>ANTICORPOS B</p>	<p>TIPO B</p> <p>ANTÍGENOS B</p> <p>Por ter anticorpos A, aceita sangue do tipo B e O</p> <p>ANTICORPOS A</p>	<p>TIPO O</p> <p>ANTICORPOS A</p> <p>Por ter anticorpos A e B, apenas recebe doação do tipo O</p> <p>ANTICORPOS B</p>
<p>TIPO A</p> <p>ANTÍGENOS A</p> <p>Por ter anticorpos B, aceita sangue do tipo A e O</p> <p>ANTICORPOS B</p>	<p>TIPO AB</p> <p>ANTÍGENOS A</p> <p>Por não ter anticorpos, aceita sangue de qualquer tipo</p> <p>ANTÍGENOS B</p> <p>ANTICORPOS B</p>				
<p>TIPO B</p> <p>ANTÍGENOS B</p> <p>Por ter anticorpos A, aceita sangue do tipo B e O</p> <p>ANTICORPOS A</p>	<p>TIPO O</p> <p>ANTICORPOS A</p> <p>Por ter anticorpos A e B, apenas recebe doação do tipo O</p> <p>ANTICORPOS B</p>				

APÊNDICE 6 – Fotos da Oficina Pediculose

Aplicação do Jogo RPG Pediculose



Aplicação Jogo de Cartas Mitos versus Verdades sobre o piolho



Palestra



Avaliação após Oficina Pediculose



ANEXO 1 - Autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da FIOCRUZ/ RJ



FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ -
FIOCRUZ/IOC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Desmitificando a praga dos piolhos !!! - Percepções e orientações aos normalistas sobre o contágio, prevenção e combate a *Pediculus humanus capitis*".

Pesquisador: SHEILA DA MOTA DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 32520114.9.0000.5248

Instituição Proponente: Fundação Oswaldo Cruz

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 799.019

Data da Relatoria: 12/08/2014

Apresentação do Projeto:

O projeto é apresentado de modo bastante detalhado. Trata-se de um conjunto de atividades para professores em formação inicial (normalistas) com o objetivo de informá-los e formá-los para lidar com o tema da Pediculose em suas futuras salas de aula. Serão usados três questionários: Q1 para caracterização de conhecimentos prévios, Q2 para inferir a aceitação de um conjunto de atividades de ensino (descritas sucintamente no projeto) e Q3 para caracterizar conhecimentos posteriores a elas. As atividades de ensino são constituídas por dois jogos (RPG e jogo de cartas) associados a uma palestra apresentada por um especialista (possivelmente orientador). Haverá ainda uma espécie de seminário apresentado pelos alunos sobre o tema da Pediculose, após o qual será aplicado o Q3. O projeto aparentemente é o mesmo apresentado ao Curso de Especialização, uma vez que ainda contém menções a metodologias a serem definidas posteriormente com o orientador. Esta é uma contradição, já que há várias menções à Análise de Conteúdo, com referência específica. Além disso as seções de Metodologia e Procedimentos são praticamente idênticas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Desmistificar entre os normalistas a praga dos piolhos, em relação às formas de contágio,

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Expansão)
Bairro: Manguinhos **CEP:** 21.040-360
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3882-9011 **Fax:** (21)2561-4815 **E-mail:** cepfiocruz@ioc.fiocruz.br

Página 01 de 03

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

O pesquisador responsável deverá da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

RIO DE JANEIRO, 22 de Setembro de 2014

Assinado por:
José Henrique da Silva Pilotto
(Coordenador)

ANEXO 2 - Autorização da Secretaria de Educação do RJ – SEEDUC/ RJ



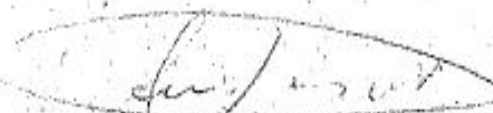
Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação
Subsecretaria de Gestão de Ensino

DECLARAÇÃO

Autorizamos a Professora Sheila da Mota dos Santos, aluna do Curso de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, do Instituto Oswaldo Cruz, da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, com vistas à conclusão do trabalho de monografia para obtenção do título de Especialista, a realizar uma pesquisa no Colégio Estadual Alexander Graham Bell, pertencente à Regional Metropolitana V, sobre o tema “Desmitificando a praga dos piolhos !!!

A pesquisa a ser feita foi analisada pela Coordenação de Educação Ambiental e Saúde/Superintendência Pedagógica desta Subsecretaria, recebendo aprovação e deverá ser realizada em horário e condições determinadas pela direção da unidade escolar, sem prejuízo das atividades de rotina da escola.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2014


Antônio José Vieira de Paiva Neto
Subsecretário de Gestão de Ensino
Matrícula 5.023.006-9
ID 35435186/V:1

ANEXO 3 – Termo de Parceria com o Colégio Estadual Alexander Graham Bell



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
REGIONAL METROPOLITANA V (DUQUE DE CAXIAS)
C. E. ALEXANDER GRAHAM BELL
Ato de Criação: Decreto nº 11.877 de 13/07/1965, Publ. D.O. de 14/07/1965
CNPJ 00.970.220/0001-48 – R. Santa Rita, s/nº - Jardim Primavera
Duque de Caxias / RJ – CEP: 25.212-360 - e-mail: assilenefortes@oi.com.br
U.A. 182063 CENSO/INEP: 33049793 TEL: (021) 2777- 1424 / 2678-5527

TERMO DE PARCERIA AUTORIZANDO O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA INSTITUIÇÃO

Venho por meio deste documento autorizar a pesquisadora **Sheila da Mota dos Santos**, a desenvolver o projeto intitulado “**Desmitificando a praga dos piolhos!!! - Percepções e orientações aos alunos- professores sobre o contágio, prevenção e combate a *Pediculus humanus capitis***”, no Colégio Estadual Alexander Graham Bell. Cabe ressaltar que estou ciente que a pesquisadora está regularmente matriculada no curso de Especialização em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz, da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, com ingresso em fevereiro de 2013 e com matrícula nº 13.02.06.009.

Fui esclarecida que os sujeitos da pesquisa serão os alunos do primeiro, segundo e terceiro ano do Curso Normal (modalidade formação de professores) do ensino médio, do turno integral. Estou ciente que a pesquisa consiste em trabalhar a temática Pediculose, a fim de identificar os prévios saberes dos alunos- professores e orienta-los sobre as formas de contágio, prevenção e combate ao *Pediculus humanus capitis*. Ficando esclarecido que a qualquer momento os alunos poderão desistir de participar da pesquisa, não causando nenhum prejuízo às instituições envolvidas, nem aos alunos. Ressalta-se que os procedimentos adotados pela pesquisadora garantirão sigilo da identidade dos participantes.

Declaro ciência que os dados obtidos deste trabalho em parceria serão divulgados em revistas e congressos científicos das áreas afins, além da monografia.

Duque de Caxias, 06 de Junho de 2014.

Diretora geral

Colégio Estadual Alexander Graham Bell

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP FIOCRUZ/IOC / Instituto Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz - Avenida Brasil, 4.036 - sala 705 (Expansão) Mangueiras - Rio de Janeiro-RJ - CEP: 21.040-360, Tel.: (21) 3882-9011 - e-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br / Profº Coordenador responsável pelo projeto: Dr. Júlio Vianna Barbosa / Nome da pesquisadora: Seu nome completo, telefone e e-mail.

ANEXO 4- Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TECLE)



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
REGIONAL METROPOLITANA V (DUQUE DE CAXIAS)
C. E. ALEXANDER GRAHAM BELL
Ato de Criação: Decreto nº 11.877 de 13/07/1965, Publ. D.O. de 14/07/1965
CNPJ 00.970.220/0001-48 – R. Santa Rita, s/nº - Jardim Primavera
Duque de Caxias / RJ – CEP: 25.212-360 - e-mail: assilenefortes@oi.com.br
U.A. 182063 CENSO/INEP: 33049793 TEL: (021) 2777- 1424 / 2678-5527

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

(Em acordo com as Normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde, de 2012)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: “**Desmitificando a praga dos piolhos! – Percepções e orientações aos normalistas sobre o contágio, prevenção e combate ao *Pediculus humanus capitis***”. Você foi selecionado para participar do projeto e responder os questionários, contudo; sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora e nem com qualquer setor desta Instituição.

O objetivo deste estudo é desmitificar mitos, tabus e dúvidas sobre o piolho, a fim de orientar aos normalistas em sua formação profissional sobre as formas de contágios, prevenção e combate a Pediculose, já que em breve estarão exercendo a docência em suas futuras classes de ensino fundamental, e poderão multiplicar as informações junto as crianças, promovendo desta forma a promoção da saúde escolar e coletiva.

Neste projeto será adotado como sugestões de estratégias didáticas, 03 formulários (questionários), 2 jogos educativos, palestra, seminário e visitação as instalações da FIOCRUZ/RJ. Não há riscos relacionados com a sua participação nesta pesquisa, pois as informações obtidas serão confidenciais, e assegura-se o total sigilo sobre a sua identificação nos dados coletados. Sua colaboração é importante para alcançarmos o objetivo proposto. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos e/ou educativos, além da monografia da pesquisadora. Participar desta pesquisa não implicará nenhum custo para você, e, como voluntário, você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela participação.

Você receberá uma cópia deste termo com o e-mail de contato da professora que acompanhará a pesquisa para maiores esclarecimentos.

Sheila da Mota dos Santos
(Pesquisadora)

Instituição: Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Oswaldo Cruz - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP/ Telefone.: (21) 3882-9011 / E-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br / Endereço: Avenida Brasil, 4.365 – Manguinhos - Rio de Janeiro /RJ - Brasil - CEP: 21.040-360 / Profº Coordenador responsável pelo projeto: Dr. Júlio Vianna Barbosa / Nome da Pesquisadora: Sheila da Mota dos Santos / Telefone: (21) 98355-6638 - E-mail: shdm.santos@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Indivíduo da pesquisa (nome do aluno) Idade em 2014: _____

Obs.: Em caso do estudante ser menor de idade (menor de 18 anos), solicita-se a assinatura do responsável e o nº do Registro Geral (Carteira de Identidade).

Duque de Caxias, ____ de _____ de 2014.

RG: _____
(Assinatura do responsável e nº do Registro Geral)



ANEXO 5 – Cessão de Direitos de Imagem

MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ
Instituto Oswaldo Cruz - IOC

Especialização em Ensino em Biociências e Saúde - EBS

“Desmitificando a praga dos piolhos!!! - Percepções e orientações aos normalistas sobre o contágio, prevenção e combate ao *Pediculus humanus capitis*”.

(assinatura do responsável e número do Registro Geral)

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE IMAGEM

“Desmitificando a praga dos piolhos!!! - Percepções e orientações aos normalistas sobre o contágio, prevenção e combate a *Pediculus humanus capitis*”.

Pesquisadora: Sheila da Mota dos Santos

Pelo presente documento, eu, _____,
(nome completo do participante)

de nacionalidade: _____, profissão: _____,

estado civil: _____, CPF: _____,
(nº do CPF)

Carteira de identidade (registro geral): _____, emitida
(nº da carteira de identidade)

pelo órgão: _____, na data de: ____/____/____.

Residindo no endereço: _____,

nº: _____, no bairro de: _____, no município de: _____
_____. No estado do Rio de Janeiro, cujo CEP, é: _____.

Declaro ter conhecimento da cessão das imagens obtidas por meio da pesquisa **“Desmitificando a praga dos piolhos!!! - Percepções e orientações aos normalistas sobre o contágio, prevenção e combate a *Pediculus humanus capitis*”**, sem restrições quanto aos seus direitos patrimoniais e financeiros. Estas imagens serão obtidas no período de ____ de Julho à Setembro de 2014, perante a pesquisadora Sheila da Mota dos Santos, da pesquisa anteriormente citada, orientada pelo profº. Drº. Júlio Vianna Barbosa e coordenada pelo mesmo professor. Sheila da Mota dos Santos fica, assim, autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins científicos, culturais e educativos as imagens para fins idênticos, segundo suas normas internas, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Depoente (assinatura): _____

(assinatura do participante)

Duque de Caxias, _____ de _____ de 2014.

OBS.: em caso do participante ser menor de idade, solicita-se a assinatura do responsável e o número do Registro Geral:

Nº do RG: _____
(assinatura do responsável, em caso do participante ser menor de idade e nº do Registro Geral)

Duque de Caxias, _____ de _____ de 2014.

Instituição: Fundação Oswaldo Cruz – Instituto Oswaldo Cruz - Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / Telefone: (21) 3882-9011 / Endereço: Av. Brasil, 4365 - Manguinhos - Rio de Janeiro / RJ - Brasil - CEP: 21040-360 / Profº Coordenador Responsável pelo projeto: Dr. Júlio Vianna Barbosa / Nome da pesquisadora: Sheila da Mota dos Santos / Telefone: (21) 98355-6638 / E-mail: shdm.santos@gmail.com